



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário

HEKADEMEIA

03

NOSSOS ROMANCISTAS

Vol. 2 -No. 1 – Joinville, janeiro de 2017

Hekademeia Vol. 2, No. 1

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| David Gonçalves – Livro SANGUE VERDE | 5 |
| Wilson Gelbcke – Livro A TERCEIRA MOEDA | 19 |
| Milton Maciel – Livro A ESPERA E A NOIVINHA | 33 |
| Salustiano de Souza – Livro O ETERNO BARNES | 48 |

***HEKADEMEIA** é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim Academus) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Academia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

HEKADEMEIA é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este terceiro número de Hekademeia apresenta trabalhos de nossos acadêmicos que se destacam como romancistas. O número um publicou textos dos nossos acadêmicos cronistas. E o número dois dos nossos acadêmicos contistas.

Nos números seguintes, teremos a vez dos nossos poetas, historiadores, ensaístas, editores, juristas, instrutores, pioneiros e números de exclusiva produção feminina.

Nas páginas mensais de HEKADEMEIA poderão aparecer, em igualdade de condições, tanto textos dos nossos acadêmicos contemporâneos, como dos acadêmicos já falecidos e também de nossos patronos.

Uma das missões especiais deste Suplemento é justamente trazer de volta à vida e tornar outra vez disponíveis as produções literárias das dezenas de brilhantes intelectuais que nos precederam na história. Para exemplificar, um de nossos patronos teve mais de 100 livros publicados em vida. Este encontro especial do presente com o passado reviverá como nunca o conceito de IMORTALIDADE de nossas acadêmicas e acadêmicos.



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485.

Aí se desenrolam as reuniões, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL.



DAVID GONÇALVES

SANGUE VERDE é denúncia, advertência, um grito angustiante da floresta pedindo socorro. Confundem-se e harmonizam-se, encaixam-se e entrosam-se natureza e criaturas, misticismo e ambições desenfreadas, paixão e aventuras, fundindo seres e coisas, numa sólida unidade e dinâmica coesa. Paisagens, pessoas, animais se interpenetram, prendem-se uns aos outros, num enredo singular.



Sem lei e sem rumo, enquanto as veias abertas da floresta vertem sangue verde, as personagens parecem viver num caldeirão de interesses próprios, destituídos de moralidade, um universo doentio em formação.

SANGUE VERDE – David Gonçalves – Sucesso Pocket, 2014

DAVID GONÇALVES [1952] nasceu em Jandaia do Sul, PR, e desde 1974 reside em SC. Professor universitário e consultor de empresas, ministra cursos e palestras sobre literatura, comunicação, liderança e marketing. Filho de pequenos agricultores, conviveu com os trabalhadores rurais e, dessa convivência, mantida até hoje, extrai a sua força literária. O seu primeiro livro [1972], *As flores que o chapadão não deu*, foi recolhido pelo regime militar e permaneceu 16 anos na gaveta. Atualmente, tem sucessivas edições.

Recebeu o prêmio OTHON GAMA D'EÇA, 2008, da Academia Catarinense de Letras, pelo conjunto de suas obras.

Segundo Gilberto Mendonça Teles, da PUC-RJ, “No panorama da literatura brasileira, a obra de David Gonçalves ocupa lugar especial e de relevo; é uma das mais importantes da atual ficção, estando no mesmo nível de escritores consagrados.”

Recentemente, publicou cinco histórias infantojuvenis: **A vaca no quarto andar**, **A mulher barbada**, **Adorável Margarida**, **Sapatos de capim** e **Por seus olhos**. A Literatura tem sido seu ideal valioso desde a infância.

A crítica literária considera **O SOL DOS TRÓPICOS** (romance), **GERAÇÃO VIVA** (contos) e **SANGUE VERDE** (romance) os pontos fortes de sua obra.

Diversas teses de mestrado e doutorado já foram realizadas sobre sua obra, em especial *Geração viva*, *O sol dos trópicos* e *Sangue verde*. Em 2015, o ensaísta e poeta José Fernandes publicou um livro – **A arte de narrar de David Gonçalves** – no qual examina os contos e romances do autor num panorama completo.

DAVID GONÇALVES tem como princípio não participar de concursos literários.

MARIA SUCURI

{Do romance *Sangue verde*}

HÁ QUINZE ANOS, longe do garimpo, num povoado às margens do rio e encravado na selva, entre o Cerrado e a Amazônia, onde madeireiros avançavam destruindo a floresta, um fato assombroso se dera...

O rio corre tranquilo no meio da densa floresta, com águas turvas e arenosas, quietamente. Os jacarés repousam nas margens, aproveitando o resto da quentura da areia. Bandos de maitacas despedem-se do sol alaranjado. Escurece aos poucos; a mata fica mais compacta e cheia de vida.

— A água está cada vez mais baixa. Dá pra ver o leito do rio — comenta Zé das Trilhas, coçando os cabelos enrolados, quase pixains, ao mesmo tempo encostando os cotovelos no balcão velho e ensebado do armazém.

Outro, sentado num banco de madeira, antigo morador da barranca do rio, dá uma pequena cusparada entre os dentes falhos. Chama-se Gabiroba. Tem o rosto magro e chupado, cheio de rugas, a barbicha rala e ruiva embranquecida.

— Nunca vi seca igual. Olha que tenho mais de sessenta anos. Parece que a água está sumindo...

O dono do armazém não se aguenta, também quer dar o seu palpite, mexe-se incomodado, como se tivesse alguma coceira. Olha em direção da porta. O breu da noite já cobriu o pátio:

— Os peixes estão morrendo com falta de ar, aos montões. Lá pra cabeceira, um filete de água só, o rio sumiu. Os peixes morrem no meio do barro e apodrecem. O fedor vai longe, ninguém suporta. As barrancas fedem, pura carniça. Arre, que seca!, a garganta arde e os olhos lacrimejam.

— É de assustar, seu Durval. Coisa braba mesmo. Se alguém riscar um fósforo, os campos e a floresta ardem, viram carvão. O vento se encarrega de fazer estragos nos folhames secos. Sol a pino, as folhas murcham como mortas. Parece que ela vem com mais sufoco a cada ano...

— Hoje — volta a comentar o dono do armazém —, que calorão! Nenhuma nuvem no céu. O areião pegava fogo. Nos vãos dos dedos, a areia queimava. Até índio calçou chinelo. Também, pelo que se diz, o desmatamento deixa os rios pelados, nem nenhuma arvorezinha...

Depois desse comentário, houve uma longa pausa, como se a cabeça daquela gente tivesse ficado vazia. Pernilongos e maruins deixavam os três homens inquietos. Ao redor do lampião, o enxame de mosquitos rodopiava. As sombras dos homens se alongavam pelas paredes de tábuas disformes,

dançavam, cresciam, encurtavam feito fantasmas. No relógio velho e amarelado, o ponteiro assinalou oito da noite. Não havia nenhuma aragem. O suor vertia por todos os poros. Incomodados, os homens se mexiam e as sombras nas paredes os acompanhavam, alongando-se e encurtando-se.

Um cachorro magro esgueirou-se entre as mesas e cadeiras toscas, e sentou-se ao lado de Zé das Trilhas, acostumado àquelas conversas, porém atento ao que ocorria no pátio.

— Mas que danado! Não falei pra não me seguir, Pintado! Já pra casa!

O cão malhado balançou freneticamente o rabo, mirando o seu dono com carinho, enquanto lambia suas mãos calosas e sujas.

— Seu Durval, tem um pedaço de linguiça frita por aí? É pro meu cachorro. Olhe só, como é feaciro e educado, parece que foi na escola... Quer me acompanhar por todo canto.

Veio o pedaço de linguiça. O cão engoliu sem mastigar, numa só bocada. Estava faminto e sabia que conseguiria alguns restolhos de alimento. Lambeu o beijo, deitou-se novamente, cruzando as patas. Em seguida, ficou olhando fixamente o seu dono, pedindo mais.

— Sai pra lá, Pintado! Por hoje, chega.

— Manda esse pulguento embora, Zé, aqui não pode entrar cachorro não. Espanta os fregueses.

— Ah, essa é boa... Lugar de respeito... O Pintado não tem pulga não. Ele se banha no rio várias vezes por dia. É mais limpo que a gente. Quando chega mendigo lá em casa, ele avança como doido. Abocanhou a perna de um pestilento. Não gosta de gente emporcalhada.

O velho Gabiroba está quieto, ouve atentamente pelo ouvido esquerdo, pois o outro está entupido e faz uma zoeira danada. Parece que está ausente, mas não é verdade. Fala pouco, gosta mais de ouvir. Quando fala, faz um tremendo esforço, espreme os olhos, aperta as rugas da testa. Se a conversa cai no vazio, ele consegue soltar as palavras, mas depois que começa não para mais — uma velha matraca enferrujada que se movimenta aos trancos.

— Ela está de volta...

Ninguém o contraria. Zé das Trilhas enxuga o suor da testa e pede outro mercedinho de cana.

— Não me engane, seu Durval. Aprecio cachaça de alambique. Essas de garrafinha de plástico não me servem. Não quero que meus pés inchem como um balão!

O velho Gabiroba volta a falar, espremendo as rugas da testa:

— Há sinais dela nas redondezas...

O silêncio continua.

— Ela, quem, velho idiota? — zanga-se Zé das Trilhas tomando a cachaça de uma só talagada. — Ela, quem?

Gabiroba se cala. Não gosta de receber maus tratos. Ele não está brincando. Pressente a presença da maligna. Aprendeu com os anos a sentir os rios e a floresta. Conhece rios e florestas como se fossem a palma de suas mãos magras. Não está na idade de fazer brincadeiras. Responde, lacônico:

— A grande cobra. A sucuri...

— Por que diz isto, velho maluco! Conte outra.

Seu Durval apoia-se no balcão. A madeira range. Ali, em seu armazém, está cansado de ouvir histórias. Todo dia, novos casos. Se levasse a sério, já estaria maluco. Mas ele não dá ouvidos.

— As águas estão baixas, o ar está seco, dói a garganta. O fedor dos peixes mortos espanta os animais da barranca. Então, ela sai à procura de animais vivos e frescos. Vi, na estrada, perto da aldeia, o rasto dela no areião. É das grandes! Por onde rasteja, a macega fica imprestável.

— Viu nada! Deve estar sonhando! — rebate Zé das Trilhas. — Este tipo de cobra não ronda a corrutela. Fica nos varjões distantes, onde vivalma não aparece. Com as derrubadas, as pastagens chegando, as margens dos rios sendo devoradas, elas recuam pros lugares distantes. Nas pastagens, ficam as caninanas e as cascavéis. Por aqui, nos banhados, só cobras d'água, pode crer.

O velho se aquieta. As sombras dos homens dançam nas paredes do armazém. Seu Durval olha o velho com interesse, perguntando:

— Sucuri pega boi, também?

— Se pega! A bicha tem força e muita manha.

— Olha que boi tem tutano, seu velho mentiroso! Não estou falando de bezerro novo, cabrito, porco pequeno...

— Pega boi grande e devora. Ela sabe lidar com a força dele. Ninguém, entre nós, sabe medir a força dela...

— Essa eu nunca vi! É difícil de acreditar... Boi arrasta toras do meio do mato, arranca caminhão de atoleiro... Cobra não é corrente de ferro. Ela, se fizer isso, se estoura toda!

O velho Gabiroba sente-se motivado. Seu Durval oferece uma talagada de cachaça.

— Pode tomar, é por conta da casa.

Com as mãos trêmulas, ele emborca o líquido amargo. Faz caretas, repuxa a face direita, espreme os olhinhos. Olha os dois homens, novamente repuxa a face. Depois começa a contar:

— Sucuri não dá golpe em falso. Não perde a oportunidade, seu Durval. Ela se prepara com antecedência. Não é boba, não. Acredite: ela não se mete em serviço falso. Se errar o golpe, bambear a laçada, ela pode mudar de moita por quilômetros. Gado nenhum passa por ali. Toda a boiada fica assustada. Boi também não é bobo, não. Depois de assustado, avisa toda a boiada. Você pensa que só o homem tem sabedoria? Como ela dá golpe? Ela golpeia no focinho, bem nas ventas, não é no lombo ou nas pernas. É no focinho!

— Você está mentindo! - altera-se Zé das Trilhas. — Conheço bom pedaço da floresta e nunca vi coisa igual. Você acha que um boi esperto vai deixar cobra grudar no focinho? Arre, ouço cada uma!

O velho não se ofende. Espera os ânimos se acalmarem. Estica uma boa olhadela para o pátio escuro do armazém. Depois, volta a se apoiar no balcão, sem pressa, como se examinasse o assunto com muita seriedade.

— Não é mentira. Eu já vi. Sei que é assim. Ela fica dias quietinha, sondando a boiada, escolhendo a presa. Ela não se arrisca com as mais espertas. Escolhe as mais pacatas, as que não têm pressa. Sempre tem uma rês lerdada no meio. Não são só as mais lerdadas... Boi cego, os velhos, porque são ruins de ouvidos, ou porque já se acham muito cansados. Depois, esses bois já viram tantas coisas na vida que pensam que já não serão surpreendidos por nada. Então, ela fica à espreita, escolhendo o alvo, que não é besta, muito menos apressada. Se é boi cego, ela gosta mais, porque ela sai sorrateira justamente do lado do olho cego. Ela não quer a boiada toda. Só quer uma rês. Não é esganada.

— Ela ataca a qualquer hora? — pergunta seu Durval, os cotovelos atolados no balcão ensebado.

— Que nada! Ela, primeiro, se amarra numa raiz forte no fundo do banhado, um nó bem dado, com a ponta do rabo. Depois, ela fica com a cabeçorra de fora d'água, à espera, sem afobamento, apreciando, escolhendo, quase morta. A boiada pasta, anda daqui pra lá, nada percebe. Mas a bitela continua lá, a cabeçorra fora d'água, a ponta do rabo na raiz numa trança de nó. A cabeçorra parece um toco de pau boiando, chata e escura. Com certeza, já escolheu a rês. Justamente a que tem algum defeito: a que está mancando da perna esquerda, mas não tem ferida podre. O inchaço é grande, mas não está podre. Ela não aprecia podridão. Ela mede bem o tamanho da rês, só pra calcular a força que despenderá. Mas não tem pressa. Também sabe de outras coisas. Não é xucra, não. Por exemplo, o sal que o vaqueiro colocou nos cochos...

— Até isso?! Ora, o que tem a ver o sal nos cochos com a sucuri? Você está inventando!

— Pois aí está a sabedoria dela. Quando o vaqueiro coloca sal nos cochos, o gado se empapuçá e vem de hora em hora no banhado pra beber. Até isso ela sabe. Então, ela deixa o escolhido vir uma, duas, três vezes beber água. Ela não se move. A lua sobe no céu, os sapos param de cantar. Ela não quer saber de sapos. Isso é pra cobra pequena, dessas que não fazem mal pra ninguém. Ela quer sustança. Na quarta vez, quando a lua está no meio do céu, quando o boi embrenha no barro até o meio das canelas, ela mergulha de mansinho, rente ao fundo da lagoa, sem sujar a água, quietinha, cada vez mais perto do boi, até o ponto certo do bote. E zás! Gruda nas ventas.

— Nas ventas! Mas por quê?

O velho Gabiroba se enche de orgulho. Sua fala mansa e prudente causa espanto. Sente-se importante, cheio de estima.

— Ela começa a chupar o ar que o boi respira, até bambeá-lo, deixando a presa cada vez mais fraca. O boi sacode a cabeça, quer chifrá-la, abaixa a cabeça, tenta pisá-la com os cascos dianteiros. Mas ela está firme, continua grudada, visgo de jaca. Ele consegue fugir uns passos, mas ela puxa de volta. O rabo está preso na raiz no meio do banhado. Ela puxa, depois afrouxa, puxa e afrouxa, sempre sugando as ventas dele. Os outros bois correm assustados, pia agonizante a coruja no meio da noite. A presa continua ali berrando desesperada. Quando ela afrouxa, ele corre dez a quinze metros. Bicho esperto a sucuri! Bambeia, estica e se afina, parece que vai rebentar, mas, de repente, ela tranca e começa a puxar de volta, engrossando, inchando — o nó cego arrochado na raiz garante o tranco. O boi é puxado de volta, os cascos arrastando no brejo e no capinzal, enquanto solta mugidos doloridos e agonizantes. Quando está próximo, o corpo dela está grosso. Então, ela solta de novo, deixa o boi correr mais dez a quinze metros, e o corpo dela fica fino igual corda de viola, mas não arrebenta. O pobre boi está sem ar, cansado, já não tem mais força...

— Ela se afina mesmo como corda de viola? — pergunta, meio assustado e admirado, Zé das Trilhas, enquanto aperta o dorso do cão.

— Artimanha dela. Espicha, encolhe, afina, engrossa, sempre com o nó do rabo numa raiz forte. Até que o boi fraqueja... Enfraquecido, mal respira. Ela, então, enlaça-o pelo pescoço, depois pela barriga e dorso. É o fim. Ela arrocha mesmo e quebra os ossos um por um. Por uns dias, ela se amoita e tem comida farta... Não se incomoda com ninguém. Ela está com a barrigona cheia. Todo mundo pode passar perto dela, até tropeçar nela que nem bola dá.

As sombras dançam inquietas nas paredes do armazém. O velho Gabiroba sentenciar:

— Ela está espreitando pelas redondezas.

Os dois homens estão ressabiados. Olham assustados o pátio escuro como se tivessem ouvido um rastejar. Pouco conversam. Está na hora de fechar as portas; pernalongos e maruins, na noite morna, estão sedentos de sangue.

* **

Todos os dias a menina, alegre e saltitante, vai à escola. De manhãzinha, quando o orvalho se transforma em cristais nos arvoredos baixos e nas relvas, ela caminha na estrada poeirenta. O pai, quase sempre, a acompanha. Distante do povoado, no meio da selva, primeiro eles caminham por uma trilha estreita e tortuosa, depois vão pela estradinha mal cuidada e poeirenta. Pai e filha vão conversando. Os chinelos levantam uma poeira fina — plác-plóc-plác-plóc! Macacos e pássaros, às margens da estrada, agitam o começo da manhã. Pai e filha, de mãos dadas, vão cantarolando:

*Jacaré tá no caminho,
Tá quereno ti pegá!
Oi que bicho tão danado,
É mió nós dois vortá!*

Estão animados. Para ele, está levando a filha para um futuro glorioso. Para ela, a segurança da mão amiga no meio da floresta. Por isso, brincando, cantarolam. Os pássaros respondem nos arvoredos molhados.

— O que vai ser quando crescer?

A menina sente as pupilas dilatarem enquanto caminha.

— Quero ser dançarina!

— Ah, Maria, dançarina você já é. Tem que escolher outra coisa.

Enquanto saltita pela estrada, pensa. Dos lados, a selva.

— Quero ser cantora!

— Ah, Mariazinha, cantora você já é!

A menina para e fica pensando, pensando. Enfim, responde:

— Quero ser artista de circo!

— Deus me livre, menina! É a pior coisa do mundo.

Ela caminha mais um trecho.

— Quero ser médica, papai!

— Isso mesmo, filhinha, isso mesmo!

- Igualzinha a que vem de vez em quando na escola...
 — A doutora Margarida! Isso mesmo, minha filha! Ela salva vidas!
 — Quero um vestido branco igualzinho ao dela, papai!
 — Isso mesmo, filhinha!

Ambos sorriem e dão-se as mãos.

A estradinha faz uma curva abrupta, em seguida contorna um banhado largo e longo. Há uma ponte de toras de madeira, com pranchas cheias de felpas. Atravessam a ponte de mãos dadas, cantarolando:

*Jacaré tá no caminho,
 Tá querendo ti pegá!
 Oi que bicho tão danado,
 É mió nós dois vortá!*

A menina tem medo de cair no banhado e se agarra ao pai.

— Meu Deus! Já são quase oito horas!

Apressam o passo. Para trás fica o banhado.

Perto da ponte, sorrateira, a cabeçorra chata e escura fora d'água, feito um pedaço de pau fincado no brejo, está a sucuri. Espreita silenciosamente o grande banhado, desprentensiva. Escolhe com sabedoria a próxima presa.

* * *

Outra manhã, outra manhã... Mais outra. O brejo seca um pouco todos os dias; a estiagem enxuga as águas como esponja. Campos e florestas crepitam sob o sol do meio dia. Os rios fedem; os peixes apodrecem nos leitões ressequidos. Durante a noite, a selva respira, o orvalho se cristaliza nas folhas. Os bichos saem de suas tocas aliviados; as árvores dançam na brisa morna.

Mais outra manhã.

— Mulher! A Mimosa deu cria! Está com a metade do bezerro pra fora. Tenho que terminar o parto, senão ela morre!

— Meu Deus, Antoninho! Logo pela manhã! Quem vai levar a menina pra escola?

— Ora, mulher, ela já tem sete anos, não se perde fácil. Está na hora de tirar ela da barra da saia.

— Deixe a vaca se virar sozinha, homem! Se toda vaca precisar de parteira, só vamos cuidar delas...

— De jeito algum. Se ela morre, adeus leite. E você não quer ficar sem queijo, não é mesmo? A Mimosa é parte do nosso sustento. Depois, a

menina está muito mais esperta do que você. Pode muito bem ir se acostumando a ir sozinha. Por que este medo absurdo?

A mulher se cala. Antoninho sai em direção do curral de varas improvisado. Lá está a vaca estatelada, se contorcendo, com a cria entalada. Ele passa as mãos sobre o seu dorso, acalmando-a, como se fosse parte da família. Depois, afaga-a por trás das orelhas.

— Chegou o doutor, Mimosa! Essas santas mãos farão o parto. Fique bem quietinha...

Maria, com a bolsa de pano a tiracolo, procura a pequena trilha tortuosa, olhando de revés para ver se a mãe a chama de volta. Mas a mãe já está cuidando das galinhas, distribuindo milho em espiral. As galinhas esvoaçam desordenadas à procura dos grãos amarelos que caem na terra ressequida do terreiro. Ela, então, tomando coragem, coloca-se a andar como se fizesse a caminhada todos os dias sem companhia. Sim, ela já é mocinha. Finge que não tem medo. Mas o coração bate aos pulos. Para disfarçar, cantarola a modinha que o pai ensinara:

*Jacaré tá no caminho,
Tá quereno ti pegá,
Oí que bicho tão danado,
É mió nós dois vortá!*

Na mata que circunda a trilha, as maitacas acordam os outros bichos com trinados estridentes. Anunciam um pequeno arbusto com bons frutos. A manhã, para elas, é uma festa. Mas o coração da menina bate desabalado, como se estivesse sendo atacada por uma tribo selvagem. Como autômata, começa uma oração aprendida com a mãe e repetida pela professora:

— Mãe de Deus, que protege os des...validos!, não me deixe abandonada... Mãe de Deus... ai, que susto!

Um bando de pequenos macacos salta de galho em galho emitindo guinchos. A cada ruído, o coração dispara. Pum, pum, pum! Até parece que vai sair do peito. A mata tem olhos. Com o pai, nunca sentira medo. Sempre protegida, como se habitasse uma fortaleza. Agora, qualquer barulho a deixa assustada. Apressa o passo pequeno, a trilha a sufoca.

Um lagarto corre estabonado no meio das folhas secas. Ela corre na estreita trilha e perde um dos chinelos de borracha. Quer voltar, mas o medo não deixa. Entretanto, não pode continuar com o pé no chão: as pedrinhas aferroam e machucam a sola. O lagarto torna a correr no meio da folharada seca. Mas ela não se assusta tanto como da primeira vez. Corajosamente, ela

retorna na trilha e calça o chinelo, enquanto os macacos pulam de galho em galho espantando as maitacas que esvoaçam espevitadas.

Respira aliviada quando pisa na estrada poeirenta. Pelo menos, não se sente tão apertada, sem fôlego. Por onde passa, pássaros voam em bando e à sua frente uma família de quatis cruza a estrada.

* * *

Lá vem a menina, sozinha, com o medo estampado no rosto. Quando surge na estrada, é apenas um pontilhado insignificante. Aos poucos, a figurinha vai aumentando de tamanho.

Feito um pau preto fincado no brejo, escondida no taboal, a sucuri espera com paciência e sabedoria a hora de dar o bote. Ela já sabe que aquela criaturinha distante é o seu alvo escolhido há dias. Por isso não tem pressa. Para que se afobar? Ela não faz como os outros que saem à caça contando com a sorte. Sua sabedoria está na escolha. Um bote em falso, ela joga a oportunidade fora.

Lá vem a menina com as passadas incertas, olhando ao redor, em direção da ponte de toras semiapodrecidas. O brejal resiste à seca, as taboas escuras espetam o ar da manhã. Pequenos peixes nadam em cardume.

Não há nenhum borbulho na água, nenhum inseto se mexe, os sapos dormem bem alimentados. Não há vento, nenhuma folha se alvoroça, mais um dia estorricante. A sucuri, desde a madrugada, já colocou o nó firme na raiz forte do jaracateá, já testou sua força. Ela sabe que a hora está chegando. Ao redor dela, a calma, nem borboletas esvoaçam. Todos os animais experientes já se debandaram. Ela reina só na quietude da manhã, nem os pássaros chilreiam.

O medo empalidece o rosto da menina. Mais um pouco de esforço, ela transporá a ponte de toras toscas. Imagina o pai segurando suas mãos, enquanto cantarola “jacaré tá no caminho, tá quereno ti pegá...” Vê-se rodeada de meninas, de mãos dadas, cantando cantigas de roda no pequeno pátio da escola. Os passos incertos, os chinelos velhos e descoloridos roçando o chão coberto de pó. Mais um pouco, mais um pouco... Logo ela transporá a ponte do brejal de taboas. Ela não precisa ter medo. O pai segura sua mão; ela está segurando as mãos das meninas enquanto cantam as cantigas de roda; a professora, com os cabelos presos por uma fita, sai à porta e tilinta freneticamente a sineta.

Mais um passo, mais outro passo, o brejal está calmo, não possui vitalma, tudo está parado. O ar da manhã sufoca, gotículas de suor salpicam o seu rosto. Mais um passo, outro passo...

No brejal, junto com as taboas espetadas para o céu límpido, está a sucuri, a cabeçorra escura e inerte feito um pau fincado. Sim, ela sabe: lá vem a menina, mais um passo, mais outro passo. Não se afoba, olhos fixos na presa. Sabe que o momento fatal está próximo. Continua feito um pau seco fincado no brejal. Espia a menina: mais um passo, outro passo. E zás!

* * *

Mateiro bom não esfrega por muito tempo a bunda no banco. Quando amanhece, ele já está de pé, já ouviu o cantar do galo anunciando a manhã. Não espera que a claridade entre pelos vãos da parede de paus.

Levanta-se com rapidez, de um pulo só. Lava o rosto coberto por uma barba rala e dura na bacia de alumínio encardido, enxugando-se numa toalha de saco de algodão. Com um pente, que já perdeu dois a três dentes, ele ajeita os cabelos, mirando-se num espelho enferrujado.

Sai à porta do rancho, espia o tempo.

— Mais um dia de calorão! — balbucia um pouco desgostoso, indo urinar atrás da pequena horta.

Depois, retorna e acende o fogo com palha de milho no fogão de tijolos arruinados e faz o café, bem preto e forte. O cachorro, depois de dar boas vindas ao mateiro, senta-se debaixo da mesa tosca, espionando os movimentos da casa, de olho na galinha que entra sorradeira porta adentro no rancho de paus.

Café pronto, o cheiro gostoso sobre os poucos objetos, prepara o cigarro de fumo forte, com o canivete. Uma breve golada e uma pitada demorada, jogando a fumaça em torvelinhos. O cão malhado espia, espera por seu quinhão, mas não tem pressa. O dia é longo. Zé das Trilhas, então, joga um pedaço de pão adormecido. Ele abocanha e segura-o entre as patas enquanto devora as migalhas.

O dia já clareou. Zé das Trilhas começa o seu ofício. Pega o embornal dependurado na parede de paus enegrecidos, depois o facão enferrujado, mas de corte afiado, que ganhara numa quermesse no arraial há anos, enche o embornal de provisões: um pedaço de carne seca e salgada, arroz, feijão e farinha temperada, e sai no pequeno terreiro, seguido pelo cão malhado.

Todos os dias, incansavelmente, vasculha a floresta, atrás de algum tesouro. Sonhara com a descoberta de uma mina de ouro e, a partir disso,

deixara o trabalho rotineiro de lado e se jogara de peito e alma na floresta. Por dias, desaparece. Por diversas vezes, correram boatos de sua morte, devorado por onça e cobras. Mas não! De repente, retorna fatigado da jornada, sem ouro algum e com a esperança abalada.

Hoje, mais uma vez, segue a estrada no amanhecer. Logo adiante, quando a estrada termina, ele se embrenha na densa mata na busca inabalável de seus sonhos, seguido pelo cão malhado. Vai pensando na demência do velho Gabiroba. Quem não o conhece, acredita em tudo que diz.

“Coitado! Está com os parafusos soltos... Não tem outra conversa senão a grande cobra que ronda as casas...”

Caminha quieto, com os pensamentos na jazida de ouro que ainda há de encontrar. O cão o segue. Por dias, acompanhará o dono em nova aventura. Zé das Trilhas não lhe dá nenhuma atenção. Há um brilho amarelo e doentio em seus olhos. A febre do ouro o tomara de vez.

Não dá passadas largas. São curtas, mas medidas e firmes. O solado das botinas está gasto e no pé direito se vê o dedão sobressaindo ao couro rompido. Reconhece que está na hora de comprar outro par de botinas.

“Quem sabe”, pensa, “desta vez me deparo com a jazida e encho a burra de ouro. Por que não? Também sou filho de Deus!”

Ali está o brejal. Mesmo com a estiagem, o enorme brejo resiste, as taboas apontando para o céu como espadas.

Ele caminha sem pressa. O cachorro também. Ambos sabem que, por dias, caminharão solitários na imensa floresta. Os dias se alongam. As noites se espicham. A vida lhes parece interminável e, por vezes, inútil. Para que ter pressa? Uma grande jazida de ouro, se houver, está à espera deles.

O calor, mesmo de manhã, sufoca. O cão malhado já caminha com a língua de fora. Logo mais adiante, com certeza, tomará água no brejal. Depois, logo que se enfiarem na floresta, o sol deixará de castigá-los e as sombras os acompanharão por dias a fio.

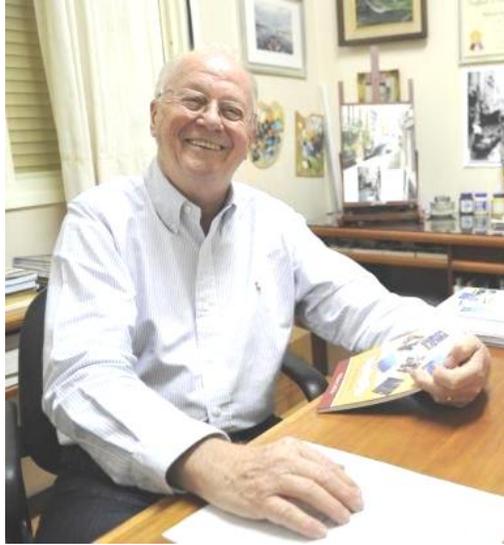
De repente, Zé das Trilhas é surpreendido por uma gritaria de macacos e chilreios estridentes de maitacas. Assusta-se. Há algo acontecendo. Macacos e maitacas avisam, são sentinelas da floresta. O cão malhado late desesperado e sai correndo em direção da ponte de toras. Estarrecido, Zé das Trilhas se depara com a sucuri enrolando-se e dominando a menina, que já não faz mais força, desmaiada.

— Ah, satanás! —berra, sacando o facão da cintura e, num golpe certo, corta transversalmente o corpo da sucuri, que se afrouxa, estremece, bambeia e, devagar, solta a menina no piso da ponte de toras.

Com mais três golpes, decepa a cabeçorra escura. O cão malhado ladra feroz e satisfeito.

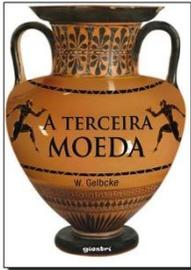
Ainda segurando o facão, ele toma o pulso da menina. Está viva! Levanta--a nos braços e retorna ao casario pobre. Parece que carrega a grande jazida de ouro, tanto é seu cuidado.

Anos depois, já envelhecido, mostrava o couro da sucuri e não se cansava de dizer: “Salvei uma vida. Nunca achei ouro na floresta, mas, enfim, a vida de uma pessoa vale mais do que a maior pepita de ouro. Acho que Deus me abrirá a porta do céu.” (Pág. 47)



WILSON GELBCKE

A TERCEIRA MOEDA - livro em 3 partes: Atenas / São Paulo/ Peloponeso



Constantine Stavlos, renomado arqueólogo grego acusado injustamente pelo desaparecimento de rara e valiosa Ânfora de Apolo, por ele descoberta no período de proibições arqueológicas, deixa a Grécia e vai para o Brasil. Trinta anos depois, Marco, seu filho brasileiro vai a Grécia limpar o nome do pai.

O que ele não esperava era o encontro com Diana, a bela filha de Nikolas Andréas, o homem responsável pela injúria contra o pai dele, Constantine. O amor explode entre eles e confirma a misteriosa predição de uma velha mendiga, mediante a doação da 3ª Moeda.

A TERCEIRA MOEDA – Wilson Gelbcke – Giostri, 2014
ISBN 978-85-8108-494-7

Wilson Gelbcke nasceu em São Paulo, em 1933, radicando-se em S. Catarina no ano seguinte. No campo da Comunicação, em Curitiba, criou departamentos de propaganda para as empresas Ancora (1953) e Madison (1956), voltando para Joinville em 1962, contratado pela Indústria de Refrigeração Consul (hoje Whirlpool), para gerenciar os departamentos de Propaganda e Comunicação Social.

Em 1992, foi para São Paulo como Assessor de Comunicação Corporativa de todo o Grupo Brasmotor. Fez cursos de Marketing e Planejamento de Produtos, inclusive nos Estados Unidos, pela Whirlpool. E aposentou-se em 1994, passando a se dedicar à literatura e artes plásticas.

O primeiro livro de W. Gelbcke foi "A Máscara de Capelle", em 1997. E não mais parou de escrever romances, livros juvenis, contos, poemas e biografias... num total de 17 obras.

- Romances: *A Máscara de Capelle, Vindita do Historiador, A Terceira Moeda, Ás de Ouros no Mundo da Comunicação.*

- Juvenis: *Esses Duendes Tão Míopes, Por um Rio Você Pode Fazer Milagres, Quatro Anjos e Quatro Destinos.*

Contos e Poemas: *Causos de Minha Cidade, Receita Para o Amor.*

Biográficos: *Primavera em Pleno Verão, Reflexões ao Longo de uma Vida, Sangue Suíço...Coração Brasileiro, Do Cantão para Joinville, Obras de F.Frick na Catedral da Sé, Fascinante Viagem pelo Mundo, 60 anos do CEAJ, Tudo por Joinville.*

É também membro da Associação das Letras, Confraria do Escritor e da AAPLAJ - Associação de Artistas Plásticos de Joinville.

É diretor de patrimônio da Academia Joinvilense de Letras

PELOPONESO, 1980

(do livro “A TERCEIRA MOEDA”)

“Tarde ensolarada, reservada para primeiros e excitados contatos com as ruínas da Antiga Corinto, rajadas de vento vindas do golfo a provocar reflexões. Liderados por Sir Cedric e por Dimítrios, os dois grupos percorriam trilhas ainda existentes, passando pelo amplo e pavimentado Caminho de Légeo com vestígios de colunas quebradas. Uma leve descida até o que havia sobrado do antigo mercado e do foro romano.

Dimítrios e Andréas conheciam bem tudo aquilo e caminhavam sem se preocupar com detalhes. O mesmo não acontecia com Marco e Diana, olhos ávidos e cismados a cada passo. Logo estavam na Fonte de Pirene, cercada de arcos, luz e sombra acentuando formas que insistiam em contar sua história. Diana estava encantada e procurava mostrar conhecimento.

– Conta uma lenda que a ninfa Pirene, de tanto chorar pela morte da filha, transformou este local em fonte.

Marco retribuiu com um leve sorriso. Estava mais interessado nos rastros deixados pelo pai do que em lendas. E estendeu a mão para ela vencer alguns degraus em direção ao que havia restado do Arco do Triunfo, de onde se estende ampla praça da antiga Ágora.

– Olha lá! – exclamou Diana, apontando para a parte mais alta, onde sete colunas eram tudo o que havia restado das 38 colunas dóricas do Templo de Apolo. Ao fundo, em toda a sua imponência, o Monte Acrocorinto.

Raios de Sol vestiam as colunas dóricas com a cor dourada da tarde. Ela abraçou-se com Marco ao se lembrar do momento em Delfos, do beijo no último degrau do majestoso teatro.

– É lindo, não é mesmo? – e, virando-se para ele – me faz lembrar Delfos quando...

Ela não acabou de falar. Marco tomou-a nos braços e a beijou. Quando os lábios se separaram, Diana aninhou o rosto no peito dele e sorriu, lembrando-se do que havia dito em Delfos:

– O que vou fazer com você?

A resposta que ela queria não veio e viu que ele olhava numa só direção. Parecia longe dali. Sentiu que era preciso trazê-lo de volta.

– Não quer mais casar comigo?

– O quê?

– Por favor, meu amor, não deixe que o espírito de seu pai volte e lhe angustiar.

– Não se trata do espírito dele, Diana. Foi aqui, no entanto, que tudo começou. Aqui ele e seu pai encontraram a ânfora de Apolo, mais tarde vendida aos ingleses.

Ela precisava colocar as peças no devido lugar, com urgência, ou estaria novamente colocando o amor em jogo.

– Giorgios Spiros vendeu a ânfora, lembre-se disso. Não meu pai.

– Então ele vai ter de se explicar. Chegou o momento de colocar tudo em pratos limpos.

Instintivamente, ela se abraçou com ele.

– Não faça isso, Marco. Deixe as coisas acontecerem. Estou do seu lado, meu amor... E não quero perde-lo por um ato impensado ou precipitado.

– Também não quero perder você, Diana.

– Então me deixe ajudá-lo.

– Como?

– Confiando em mim – respondeu, acariciando-lhe o rosto – em mim e em Panagia Gorgoepikoös, a “Virgem que Responde aos Fiéis com Rapidez”.

– A terceira moeda... – murmurou, retribuindo a carícia e lhe dando um beijo rápido. – Está bem, Diana. Prometo que vou parar com as acusações, até ter provas suficientes.

Ela suspirou.

– Você é um osso duro de roer.

Marco olhou uma vez mais para as sete colunas do Templo de Apolo e lá estava Sir Cedric e seu grupo. Depois olhou em volta, procurando por Andréas ou Dimítrios. Viu apenas os ajudantes Basílio e Paolo ao longe, no Pórtico Norte.

Diana foi acompanhando Marco por caminhos que ele parecia conhecer, sem nunca por ali ter passado. Ruínas de templos, ágoras, salas de banho, fontes sagradas, até chegarem ao pequeno santuário de quatro colunas, tendo ao fundo um muro de pedras. Ali ele parou, como se lhe fosse dada uma ordem.

– É aqui, Diana.

– Do que você está falando?

Ele se aproximou do muro, mãos Tateando pedras carcomidas e minadas pelo tempo. Não havia nenhuma entrada no chão, como seu pai havia contado. Apenas pedras mal colocadas, como a fechar uma passagem.

– Foi aqui que ele encontrou a ânfora, numa ala subterrânea.

Ela chegou a sentir a pele arrepiar.

– Como pode ter certeza disso, Marco?

– Meu pai estava certo. Essas quatro colunas de um pequeno santuário, junto a um simples muro de pedra... Isso não faz sentido. Aqui ele acabou descobrindo a passagem para uma ala subterrânea.

Ainda perturbada, Diana olhou para trás e levou a mão ao colo, assustando-se com a figura estática do pai ao longe. Sobre um elevado, Nikolas Andréas olhava para eles.

O

No final da tarde estavam todos de volta ao hotel. Durante o jantar, Sir Cedric Dinkins incentivou um debate sobre o primeiro contato com a área a ser explorada, em busca das moedas de Felipe II. A resposta foi um silêncio quase sepulcral. Em seguida, alguns cochichos foram crescendo até se transformarem num zunzum que ninguém entendia. Sir Cedric pegou o cabo da faca e bateu sonoramente no copo de cristal, trazendo de volta o silêncio.

– Vamos por partes, meus amigos. Palavra livre para um de cada vez.

Um novo silêncio e olhares questionadores.

– *For God's sake*, aquelas ruínas já foram exaustivamente remexidas – disse Keneth Baker, tentando vilipendiar o sogro – Se tais moedas ali fossem enterradas, há muito fariam parte da Numismática Clássica.

Sir Cedric não respondeu. Apenas sorriu e ficou esperando por outros apartes. Nikolas Andréas foi o próximo a falar.

– Ninguém sabe do que um terremoto é capaz. As *dekadrachmas* podem estar debaixo dos nossos pés ou tão profundamente enterradas que nem o diabo será capaz de achar.

– É preciso lembrar que a sociedade Arqueológica em Atenas espera por uma resposta – alertou Dimítrios, olhando por cima dos óculos – Podemos voltar de mãos abanando, mas não sem demonstrar o resultado de exaustivo e abnegado trabalho.

De uma passada de olhos, Sir Cedric parou em Marco Stavlos.

– E o que diz nosso convidado do outro lado do mundo?

Marco pensou no que Constantine Stavlos costumava dizer e usou as mesmas palavras do pai:

– Para encontrar uma agulha no palheiro, melhor do que vasculhar e contar com um bom ímã.

Algumas risadas, inclusive de Sir Cedric, que ordenou:

– Raku, distribua as fotos!

A curiosidade se transformou em decepção ao verem a ilustração que todos conheciam. A Pedra de Felipe, onde se lia:

CONFEDERAÇÃO HELÊNICA LAMENTA
DESAPARECIEMNTO DE FELIPE
E SUAS DEKADRACHMAS DE PRATA

– Observem cuidadosamente a fotografia. Olhem como se tivessem nas mãos a própria pedra de Felipe.

Novo silêncio.

– Talvez eu não conheça tão bem o alfabeto grego – arriscou Marco – Por que a letra delta da palavra DRACHMA tem um ponto no meio?

Não se trata de um ponto – corrigiu Andreas – Apenas uma falha comum numa peça de argila.

– E se for um ponto? – questionou Sir Cedric – Um ponto bem no centro do triângulo delta?

– Com todo respeito, acho que está sonhando, Sir Cedric.

– Não me respondeu, Sr. Nikolas. E se for um ponto? Um ponto feito propositadamente?

Todos passaram a examinar atentamente as fotografias.

– Pelos deuses – exclamou Dimítrios – o triângulo delta pode significar uma pirâmide.

– Sim, é isso mesmo – concluiu Andréas, mudando rapidamente de opinião – Uma pirâmide onde as moedas devem estar escondidas.

Keneth sacudiu a cabeça negativamente.

– Que eu saiba, não há pirâmides na Antiga Corinto.

– Mas talvez exista um sinal – incentivou Sir Cedric.

– Um desenho ou gravura com um ponto no meio – concluiu Dimítrios.

Diana se agarrou no braço de Marco, apoiando o rosto em seu ombro.

– Parabéns, meu amor. Acho que eles encontraram o ímã para encontrar a agulha no palheiro.

Ele sorriu, agradecido.

– A partir de amanhã, aquelas ruínas vão ser vasculhadas com olhos de lince.

O

No dia seguinte, a duas caminhonetas saíram cedo para Antiga Corinto, distante não mais de dez quilômetros do hotel. Os auxiliares Noah e Andrew montaram tendas para o grupo inglês, enquanto Paolo e Basílio faziam o mesmo para os gregos. O entusiasmo estava refletido no semblante de cada um, ansiosos por iniciar a busca de um sinal promissor. O triângulo, letra delta com um ponto no meio, podia estar em qualquer lugar, caso o terremoto não o tivesse soterrado. Eles seriam incansáveis naquela manhã, sob o comando de Sir Cedric e Dimítrios.

Até a sedutora Amanda Dinkins Baker havia amarrado os volumosos cabelos ruivos para trás e colocado um traje mais simples para ajudar o marido. Afinal, havia uma promessa no ar... Que podia se transformar em muitas libras esterlinas.

Diana despediu-se de Marco e seguiu Nikolas Andréas na direção oposta. Ele compreendeu. Pai e filha vinham trabalhando juntos e não seria agora que romperiam o desafio de se ajudarem.

Os líderes, Sir Cedric e Dimítrios, aproveitaram as confortáveis cadeiras junto ao acampamento para conversar e traçar planos. Garantiam não se tratar de uma desculpa para o peso da idade ou para evitar incursões mais arrojadas. Estariam, no entanto, atentos a qualquer descoberta.

Raku se aproximou de Marco, que colocava no cinto algumas ferramentas, raspador, pincel de pelo duro e espátula, para explorar as ruínas.

- Raku sentir-se-ia honrado em acompanhá-lo.
- Será um prazer, Raku. E Sir Cedric?
- Ele não vai precisar de mim por enquanto.
- Então seja bem-vindo.

Os dois sabiam que o sinal delta, se é que existia, devia estar em um lugar reservado e protegido, onde as moedas pudessem ficar bem escondidas. Afinal, tratava-se de um pequeno tesouro.

Par de horas depois, Marco entendia porque Sir Cedric queria sempre Raku ao seu lado. O incansável e meticuloso trabalho daquele grego de gestos simples era de quem procurava realmente encontrar uma agulha no palheiro.

O terremoto acabou com tudo – disse Raku, sentando-se pesadamente numa pedra, olhando para as ruínas com esperança tão grande quanto testar a sorte num jogo de azar – A gente não acredita, mas continua jogando.

- Do que está falando?
- Nossa! É como jogar na loteria...

Marco explodiu numa risada aberta. Era o que estava precisando para descontraír um pouco. Mais alguns minutos de busca... E ele acabou concordando com Raku. Encontrar o triângulo delta com um ponto no meio era como acertar na loteria.

Retornar ao hotel ao entardecer foi um bálsamo para as pernas. Mesmo assim, após um banho reconfortante, estavam todos vendendo entusiasmo durante o jantar. E se consideravam mais experientes para o dia seguinte.

Marco e Diana foram até a varanda para ver o golfo, lembrando que lá do outro lado estava Delfos.

– Senti sua falta – disse ela, com um beijo rápido – Como foi seu dia com Raku?

– Um sujeito divertido. Mas eu preferia ter você do meu lado. Por que não trocamos amanhã? Fico com você e seu pai com Raku.

– Não seria má ideia. – murmurou, encostando a cabeça no ombro dele – Mas não se entusiasme. Pelo menos a noite é nossa.

– Diana!

A voz que não queriam escutar soou como um açoite. Junto à porta, Andréas era a própria prepotência.

– Vamos! Precisamos conversar sobre os planos de amanhã.

– Pelo amor de Deus, pai. Temos tempo para isso.

– Vá – sugeriu Marco, sem olhar para o pai dela – O ambiente não é mais o mesmo.

O

Dois dias depois, as ruínas da Antiga Corinto haviam sido cuidadosamente examinadas. Construções gregas e romanas, como praça do mercado, teatro, Odeon, até a tribuna onde o apóstolo Paulo preferia seus sermões aos coríntios... Nem um sinal de triângulo com um ponto no meio. Sir Cedric olhou para o charuto entre os dedos e deu novas ordens:

– É preciso pensar grande. “Acro” em grego significa alto, elevado. Amanhã vamos para o Monte Acrocorinto. Em seu topo está o maior e mais antigo forte do Peloponeso.

– Não acredito que tenhamos sucesso – alertou Dimítrios – Aquelas muralhas não foram feitas na Grécia Helenística, mas na Bizantina e na Veneziana.

– As muralhas sim, mas não o que elas protegiam. Lá ainda existem ruínas da acrópole de Corinto e do Templo de Afrodite.

– Oh! – Amanda deu um gritinho histérico, levando a mão aos lábios para disfarçar o sorriso – Trata-se daquela deusa sensual, não é mesmo?

Sir Cedric não olhou para filha e reteve o ar nos pulmões mais tempo do que necessário. Depois falou em voz pausada e clara, para que todos pudessem ouvir.

Afrodite é o nome grego de Vênus, a deusa da beleza, do amor e da fertilidade. Ela tinha poder de inspirar amor nos corações humanos – olhou duramente para Amanda e os bigodes amarelos de nicotina chegaram a tremer – Ou de destruí-los.

Kenneth Baker entendeu. Fungou alto e comprimiu os lábios. “*For God’s sake!* Ainda acabo com essa mulher”.

Andréas seguiu a risada e achou melhor voltar ao que considerava importante.

– Por que acha que as moedas possam estar lá?

Sir Cedric deu uma baforada e respondeu:

– Eu não acho nada, mas não custa olhar. As caminhonetes nos levarão até onde elas possam ir. Depois será por conta de cada um.

O

No dia seguinte. Subida difícil para o penhasco de 560 metros com enormes muralhas da fortaleza medieval. Postos de observação, engastados nos paredões de pedra, ainda ali estavam, como a proteger os bizantinos dos francos, dos turcos e dos venezianos. No interior das muralhas, apenas ruínas... Era o que havia sobrado de pequenas igrejas, mesquitas e minaretes.

Dispersos, os dois grupos iam vencendo a subida. Não demorou e as pernas cansadas de Sir Cedric e de Dimítrios foram auxiliadas, de vez em quando, por Noah e Basílio. Por sua vez Marco e Diana se adiantaram e já estavam na metade do caminho, ao lado da antiga muralha, quando voltaram os olhos para observar o cenário deslumbrante. O dia estava límpido. Eles podiam ver as ruínas da Antiga Corinto e, mais ao longe, a cidade nova junto ao golfo. De mãos dadas, vento a lhes desalinhar os cabelos, desfrutavam um novo momento só deles.

– Às vezes custo a acreditar – disse Diana – que isso esteja acontecendo comigo. Eu mal o conheço, Marco, e vivo este sonho ao seu lado.

– Também penso assim. Por que não acreditar no destino?

Ela sorriu, atrapalhando-se com os cabelos.

– Prefiro acreditar na terceira moeda.

O beijo veio naturalmente. Estavam certos de pertencer um ao outro.

Passos no cascalho os trouxeram de volta. Apoiando-se com uma espécie de cajado, Andréas se aproximava respirando forte, raiva estampada nos olhos.

– É melhor a gente continuar subindo – disse Marco.

E apertaram o passo pelo caminho íngreme, ladeando a antiga muralha que parecia não ter fim.

No topo do Acrocorinto, a procura pelo delta com um ponto no meio não foi diferente da busca infrutífera na base do monte, entre ruínas da antiga Corinto. Os ajudantes contratados estavam mais preocupados em preparar o almoço ao ar livre, certos de que logo estariam todos de volta sem novidades.

Fazia algum tempo que Andréas e Diana não diziam palavra. Pai e filha pareciam dois estranhos, cansados de procurar um sinal que já acreditavam não existir.

– Chega – explodiu Andréas de repente, descendo o punho contra uma parede de pedras – Não vejo a hora de voltarmos a Epirus. Isso tudo não passa de uma tremenda besteira.

Diana não conseguiu reter a risada.

– Onde está o grande arqueólogo Nikolas Andréas Stephanos que eu conheço?

Ele não respondeu e chegou a grunhir. Diana insistiu:

– O problema sou eu, não é mesmo?

– Sim, o problema é você! Por que foi se meter com aquele sujeito?

Eu não entendo. Deixar alguém como Peter para se juntar com, com...

– Com o filho de Constantine Stavlos.

Os lábios comprimidos de Andréas se arquearam e as narinas se abriram.

– Um crápula igual ao pai!

– Pelo amor de Deus! – exclamou Diana, ansiosa por entender – O que você tem contra aquele homem?

– De que adianta falar, se você está do outro lado?

– Pare com isso, pai. E abra o jogo de uma vez.

Ele apoiou as mãos sobre o que havia sobrado de uma mureta e olhou para o golfo ao longe.

– Por que acha que Constantine deixou a Grécia?

– Para não ser acusado de trair a pátria – respondeu Diana, disposta a ir até o final da história.

O pai deu uma risada roufenha, sem se voltar.

– O que mais Marco lhe contou?

– Que vocês eram amigos... E que encontraram uma valiosa ânfora, vendida aos ingleses.

Mais calmo Andréas se voltou, semblante ainda sério.

– Giorgios Spiros, outro crápula igual a ele fez a negociação, enquanto Constantine deixava a Grécia para não se comprometer.

Diana fechou os olhos e suspirou.

– Oh, Deus... Marco diz que foi você.

Andréas esfregou o queixo quadrado e balançou a cabeça.

– Existem fotos comprometedoras, minha filha.

– Que fotos?

O sorriso veio cheio de malícia.

– Constantine e Spiros com a ânfora... Spiros na casa de Constantine... Fotos que não deixam dúvida.

– Oh, meu Deus... murmurou ela, levando a mão aos lábios.

O

Até se reunirem para almoçar, nada tinha sido encontrado. O cenário se encarregou de manter elevado o estado de espírito de todos. De quase todos, pois o mesmo não acontecia com Andréas e Diana.

O que há com você – questionou Marco – observando o silêncio dela.

Diana não respondeu. Colocou o prato de lado e caminhou até os degraus que a levaram ao alto da muralha, de onde se descortinava todo o grandioso vale até o golfo de Corinto. Marco fez o mesmo e a seguiu.

Ela olhava para as montanhas do outro lado do golfo. Olhar perdido, lembrando-se dos momentos em Delfos. Marco se aproximou e tentou um abraço. A reação foi como se ela tivesse levado um choque.

– O que há com você? – ele voltou a questionar.

Diana olhou para ele, uma lágrima escorrendo pela face.

– Meu pai contou tudo.

Marco arregalou os olhos, sem acreditar.

– Ele confessou?

Diana fechou os olhos por um momento.

– Existem fotos comprometedoras, Marco. De seu pai com Giorgios Spiros.

– Fotos? Do que você está falando?

– Foram eles que venderam a ânfora aos ingleses. Spiros e seu pai.

Marco podia escutar as batidas do seu coração. “O que aquele demente andou contando para ela?”

– Você não sabe o que está dizendo.

– Conheço meu pai melhor que você, Marco. Ele não é nenhum santo, mas não é mentiroso.

Ele prendeu a respiração. Sentiu que o sonho podia chegar ao fim.

– Você é filha dele e tem o direito de pensar assim. Eu não! Meu pai falou de algumas fotos. Foram feitas para compromê-lo, enquanto lhe roubavam a ânfora. Pergunte ao seu pai, Diana! Ou, melhor... Não pergunte nada. Ele vai mentir novamente.

E, dando as costas para ela, Marco desceu os degraus, deixando-a sozinha no alto da muralha.

O

No final da tarde, Marco deixou seu grupo e tomou caminho para o Templo de Afrodite, procurando manter distância de Andréas e Diana. Ele precisava se acalmar. Não queria pensar no que havia acontecido, mas não conseguia esquecer o que a mulher que ele amava tinha dito. “E se o pai dela estiver dizendo a verdade?” Se ela conhecia bem o pai, ele julgava conhecer também o seu.

As ruínas do Acrocorinto eram mais romanas do que gregas. Entre as gregas estava o Templo de Afrodite, dedicado à deusa do amor e da liberdade sexual, prática comum na antiga Corinto. Marco chegou a se perguntar o que estavam fazendo ali. Certamente não à procura do delta com um ponto no meio. Por que estariam ali enterradas as *dekadrachmas* de Felipe II?

– Marco!

O susto foi como um despertar. Amanda Baker surgia do templo de Afrodite qual deusa atrapalhada com as pernas, cuidadosa por onde pisar a cada passo. Ele já estava acostumado com a voz melodiosa e as maneiras provocantes da inglesa.

– O que está fazendo aqui, *my darling*?

Marco olhou em volta, como a procurar alguém.

– Acho que me perdi do grupo.

– Oh, que bom – exclamou Amanda em gestos quase teatrais – Eu já não aguento estar sempre com a mesma turma. Marido de um lado, pai do outro. Para estar só com a família, eu ficaria em casa.

Marco achou melhor virar as costas e dar o fora dali.

– Devo estar invadindo o campo inglês.

– *Please, wait*, Marco! – Ela quase gritou apressando os passos trôpegos, escorregando um dos pés propositadamente e o corpo caindo para a frente.

Ele adiantou-se para segurá-la e Amanda não perdeu a oportunidade para se agarrar, enlaçando-o nos braços.

– Oh, *darling*, acho que quebrei o pé.

Marco procurou lugar para a inglesa sentar, enquanto ela se apoiava ainda mais, olhando-o nos olhos com malicioso sorriso.

– Amanda! – gritou Kenneth de longe.

Ela pareceu não ouvir. Marco tentou se soltar enquanto ela ria, rosto colado ao peito dele. Furioso, Kenneth chegou, empurrando os dois

– O que você quer com minha mulher?

– Pare com isso, Kenneth – disse Marco, mãos em frente para se defender – Ela torceu o pé e eu estava apenas ajudando.

Amanda levou a mão aos lábios, mordiscando um dos dedos. Kenneth olhou para ela e o sorriso provocante dizia tudo. O sangue do inglês voltou a ferver e a mão fechada partiu violentamente. Marco sentiu o impacto no rosto e caiu para trás.

Amanda gritou, agarrando-se ao marido, que a empurrou para o lado. Ele movimentava os punhos fechados, como autêntico boxeador.

– Vamos, levanta daí, que ainda não acabei com você!

Marco firmou as mãos no chão e olhou para as pernas abertas do inglês. O que ele menos queria era brigar. E não chegou a olhar para cima. Estava mais interessado no que via ao longe, por entre aquelas pernas abertas a balançar. Ele nem piscava, sobrancelhas apertando os olhos para melhor enxergar. E começou a rir.

– Do que está rindo, idiota? – questionou Kenneth furioso, sem nada entender.

Marco olhava para o pequeno morro de pedra em forma de um triângulo quase perfeito, logo adiante. Bem no meio havia um ponto escuro... Talvez a entrada de uma caverna.

“Meu Deus, lá está o sinal!”

Ainda olhando para o morro e sorrindo, ele apoiou as mãos no chão e se levantou.

– Não vou brigar com você, Kenneth. Não é para isso que estamos aqui. Trate de cuidar de sua mulher.

Virando as costas para os dois, levou a mão para o rosto que ainda doía e voltou sorrindo pelo mesmo caminho. De onde estava, ao lado do templo, Raku havia presenciado tudo, sem nada entender. Depois, olhando para o pequeno morro, balançou a cabeça e começou a rir também:

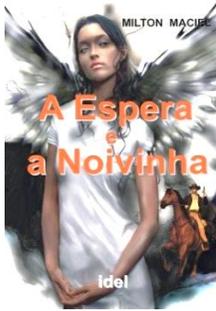
– *Nossa!*

(pág. 345)



MILTON MACIEL

A ESPERA E A NOIVINHA é um dos 3 romances, entre os 9 do autor, que têm o feminismo como tema de fundo. Neste e em **LOLITA DE ARACAJU** o assunto é a prostituição infantil no Nordeste e no Norte, e nasceu da experiência do escritor durante os quatro anos em que foi Secretário de Agricultura em Alagoas e consultor do Sebrae em várias regiões nordestinas.



Dramas reais de meninas no interior do Ceará e nos garimpos do Pará são apresentados de forma romanceada, amenizando a leitura dramática com tanto humor quanto é compatível com cada caso. Uma família de pistoleiros de aluguel descobre e resgata uma possível parente, uma criança de apenas 11 anos, estuprada pelo padrasto e que se revela uma pessoa de uma inimaginável força de caráter e coragem. Os personagens falam aquele delicioso *nordestinês* que encantou os ouvidos do autor gaúcho.

A ESPERA E A NOIVINHA – Milton Maciel, IDEL, 2008
ISBN 978-85-908782-1-6

O acadêmico Milton Maciel, 73 anos, escritor, editor, consultor agrícola, conferencista internacional, pianista e compositor, é gaúcho da fronteira.

Viveu 25 anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e consultor; e 4 anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para viver no ano de 2003. No período 2009-2014 residiu e trabalhou também nos Estados Unidos como conferencista e escritor.

Tem, até o momento, 34 livros publicados em 3 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de astronomia, nutrição, etanol e agricultura orgânica.

É também membro da Associação das Letras e da Confraria do Escritor, ambas de Joinville, da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da Romance Writers of America.

É criador e titular do Curso de Formação de Escritores “O Escritor Publicável”

Atualmente é o presidente da Academia Joinvilense de Letras, para o triênio 2016-2019

BLOG: <http://miltonmaciel.blogspot.com.br>

com 1400 postagens do autor, inclusive livros inteiros

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/milton.maciell>

<https://www.facebook.com/escritorpublicavel/?fref=ts>

RITINHA

(do livro “A ESPERA E A NOIVINHA”)

Enquanto Dito Timbó procurava por Marta, os três filhos dele, Osmar, Bastião e Jeremias, igualmente matadores de aluguel como o pai, procuravam entrar em contato com Ritinha. Bastião era o mais interessado. Estava encantado com a ideia de ter uma irmãzinha criança de 11 anos e, ao mesmo tempo, extremamente penalizado com o que havia acontecido com ela, estuprada pelo padrasto. Este a havia machucado demais e ela, fugindo dele, acabara num posto de gasolina de estrada, onde, diziam ali em Barbalha, estava aprendendo a fazer a vida para poder sobreviver.

Osmar, o mais novo, também ficou muito sensibilizado com a situação da menina e dizia que, ainda que chegassem à conclusão que ela não era irmã deles, deviam fazer alguma coisa por ela. Tirá-la da estrada era o mínimo que deviam fazer.

Já Jeremias, o mais velho, era mais conservador, era o que mais se assemelhava, na forma de pensar, ao pai. Para ele, assim como para Dito Timbó, o caso de Ritinha era um caso perdido. O padrasto já lhe havia comido os tamos, portanto não era mais donzela. Ora, menina nova que não é mais donzela não pode dar em coisa que preste. Não importa que ela tenha sido descabaçada à força, resistindo e apanhando do agressor. O que importa é que não existe mais cabaço. Então o que ia impedir essa menina de andar por aí, dando para outros homens? Nada! O resultado é que ia arranjar barriga logo. Além do mais, mulher comida toma logo gosto pela coisa e quer sempre mais e mais. Acaba virando uma qualquer, uma desavergonhada que qualquer um enfia nela. Daí a se tornar puta, é só mais um passinho.

No caso de Ritinha, raciocinava Jeremias, nem tinha sido preciso esperar tempo algum. Nem bem o homem tinha lhe feito o serviço, a sem-vergonha já estava pelas estradas, vendendo o xibiu e o rabo. Ora, estava se vendo que não prestava mesmo! Se não fosse o padrasto, algum outro ia logo enfiar nela e fazer dela mais uma mulher arrombada. E porteira que passa um boi... Essa aí não tinha mais jeito, painho Dito é que tinha razão. Já tinha escolhido ser puta; e, se estava na putaria já há alguns dias, é porque queria. Devia gostar, a ordinária. Jeremias sacudia a cabeça, achava uma besteira o que queriam fazer aqueles seus irmãos mais moços, uns sentimentais sem cabeça, sem juízo.

Pois então painho já não tinha falado o que pensava sobre a menina? Que mesmo que lhe provassem, com esses exames de laboratório que estavam na moda agora, que Ritinha era sua filha, ele é que não ia querer saber de uma filha puta. Se ela escolheu esse caminho, azar dela. Pois que seguisse agora

por ele. Ninguém tinha obrigado, foi para a sem-vergonhice por que quis. Esse era o pensar do velho Timbó, Jeremias assinava em cruz, rezava pelo mesmo catecismo do pai.

Mas aqueles meninos, seus irmãos mais moços, eram uns sonhadores sem juízo. Onde já se viu não seguir a ideia de painho? Por que perderem tempo atrás da putinha? Só se eles estavam querendo outra coisa: como a menina dificilmente seria irmã deles, vai ver que o que eles queriam era mesmo comer a tal putinha. Ainda mais que o povo dizia que ela era por demais bonita, uma formosura de rosto, com um corpinho que já tinha bunda empinada e pernas grossas, só faltava mesmo crescerem de vez os peitos.

Pensando assim, Jeremias ficou mais tranquilo. Mas que danados aqueles irmãos seus! Pois tava na cara que só podia ser por isso que estavam querendo encontrar a tal menina. Queriam era comer a bonitinha, era isso! E ele se preocupando à toa, com medo que os desmiolados fossem fazer coisa que desagradasse painho, algo inadmissível para ele. Para este filho mais velho, era Deus no céu e Dito Timbó na Terra. No fundo era até Dito Timbó no céu e Dito Timbó na Terra, isso sim. Palavra de painho não só era uma ordem, era algo de sagrado. Opinião de painho era verdade absoluta.

Contente com sua conclusão a respeito do interesse daqueles dois malandros pela mocinha, Jeremias resolveu não acompanhar mais os irmãos na busca. Ia ser perda de tempo demais. Primeiro um, depois o outro, iam se meter em algum quarto com a putinha e sabe-se lá quanto tempo ia levar cada um! Ele é que não ia ficar horas esperando feito besta. Quando chegaram no posto de gasolina, despediu-se dos irmãos e embarafustou-se no bar. Foi para os fundos, onde corria um carteadado, dizque aposta alta, dizque coisa de cinco reais. Taí, Jeremias gostava de um carteadado, quem sabe não era hoje o seu dia de sorte? Avisou os manos que ia ficar por ali no jogo e eles partiram em busca de informações sobre a garota.

Com certeza Jeremias ficaria muito decepcionado e, de novo, preocupado, se soubesse que na cabeça de seus irmãos não passara jamais a ideia de procurá-la como mulher da vida. Ambos tinham a genuína intenção de encontrar a criança e ajudá-la do jeito que fosse possível. Para Osmar, podia ser sua irmã e por isso ele devia ajudar. Para Bastião, mais sentimental ainda, era só uma criança de onze anos, abusada e machucada por um boçal, a quem eles, os quatro Timbó, já tinham aplicado o corretivo que a lei do sertão obrigava os parentes a aplicar: capar e eliminar o mequetrefe. Era só por causa dos maus tratos que Bastião achava que devia ajudá-la. Se fosse sua irmã, tanto melhor. Se não fosse, não era por isso que ia deixar de lhe estender a mão. Não é porque ele era bandido matador que não tinha dó dos outros.

Pois se algumas vezes chegava a sentir dó de sua futura vítima! Mais de uma vez enjeitara encomenda por causa disso, não estava convencido que

o encomendado devia morrer. Certa feita, lá em Juazeiro, até tinha devolvido o adiantamento de um pagamento. O contratante ficou furioso e desacatou Bastião por causa disso na frente de um monte de gente. Bastião atirou o dinheiro nas fuças do homem e aplicou-lhe uns bons tabefes na cara. Depois, por segurança, esperou o disgramado atrás do muro do cemitério e o despachou ali mesmo, com um único disparo no peito. Aí aproveitou que o muro não era muito alto e jogou o corpo do homem para dentro: *Vai, coisa ruim, agora tu já pode, agora tu é já um deles!* Depois desse rápido episódio de menor importância, Bastião nunca mais teve dificuldades com seus não raros cancelamentos de contratos verbais.

Mas este caso da menina Ritinha era coisa muito séria. Bastião havia pensado muito nele, ouvira a opinião do pai e, pela primeira vez na vida, apanhou-se discordando de painho. Ficou muito chateado com isso e foi desabafar com mano Osmar. Para sua surpresa, também o irmão mais moço pensava como ele. Osmar era um porreta de um homem inteligente, sabia ler de carreirinha, ficara quatro anos inteiros na escola, todos no primeiro ano primário, que era “pra fazer ele bem feito”, como gostava de explicar. Era muita cultura, o orgulho da família Timbó, um verdadeiro doutor. Pois Osmar disse que o pai deles era um homem de uma certa idade, não que fosse velho, mas era de um outro tempo. As coisas agora eram diferentes, os homens tinham que seguir o seu próprio tempo.

Bastião ficou tremendamente impressionado com essa frase. Não se cansava de repeti-la mentalmente. Ele, Bastião, era um homem moderno, devia seguir o seu tempo, era isso. E, pelo que conseguira entender dessa coisa de seguir o seu tempo, isso podia ser pensar diferente de painho, que era de outro tempo.

E, desta vez, Bastião pensava diferente mesmo. Sua opinião era uma, a de painho, outra. Não achava certo abandonar uma criança de onze anos na rua, na prostituição, depois de ter passado por tudo o que passou. Não importava, para ele, que fosse sua irmã ou não. Importava que era uma grande injustiça o que tinha acontecido com ela. Eles já tinham justificado o desgraçado do abusador da criança, o padrasto dela, o maldito João Boto, que agora estava na cadeia, sem os bagos e servindo de noivinha para seis presos famintos, até que chegasse o dia, já decretado pelos Timbó para dali a um mês, quando de repente os seis maridos ficariam todos viúvos, coitados.

Essa parte da missão estava cumprida e encerrada. Mas, para Bastião, o trabalho ainda não estava completo. Uma reparação total à menina não podia envolver só a punição do estuprador. Afinal isso fora feito muito mais como ritual de vingança da família ofendida. E, ainda mais fortemente, porque o ordinário havia ousado dizer que não temia um homem velho como Dito Timbó. Cavou sua sepultura com a língua, o desabusado!

Pois painho aceitara vir de Missão Velha para Barbalha mais para castigar a ousadia do desinfeliz do que para reparar a honra da família. Era evidente que ele não acreditava que Ritinha fosse mesmo sua filha. Assim sendo, que honra havia para lavar?

E se houvesse? Se Ritinha fosse mesmo irmã deles? Não era o caso de a família se unir, não só para capar e matar o descabaçador, mas para ajudar a irmãzinha desgraçada pelo maldito? Por que razão painho – e Jeremias também, outro jegue de teimoso – se recusavam a ajudar e até mesmo a conhecer a menina? Pois ele e Osmar haveriam de localizar a garota e falar com ela. Revelar-se-iam seus irmãos e lhe ofereceriam ajuda e proteção.

Dirigiram-se aos frentistas do posto para conseguir a informação que buscavam. Fizeram-se de interessados em fazer programa com prostitutas menores de idade. Osmar, muito esperto, foi logo conversando e brincando com os homens, dizendo que estava a perigo, no maior atraso, mas que só gostava de cabritinha bem novinha. Os frentistas não se fizeram de rogados:

– Pois olhem camaradas, vocês estão com sorte. Menina menor fazendo a vida é o que mais tem por aqui. Afinal, isto é ponto de pernoite de caminhoneiros. Elas preferem programa com caminhoneiros, com forasteiro de passagem, não gostam muito de fazer programa com homens daqui.

– Pois ocê diz qui nós tá cum sorte porque tem muita minina di menor aqui, é isso? – Osmar perguntou:

– Não. A sorte de vocês é que tem uma quenguinha nova, uma que descabaçaram faz menos de um mês, é carnezinha nova, linda de se ver. Ela vem com outra, mais velha um pouquinho, uma indiazinha que é um tesão também. Não tarda as meninas começam a chegar. Umas cinco ou seis. Aí elas procuram pelos homens, que esperam por elas dentro dos caminhões.

– Oxe, mai nós num tem caminhão... – lamentou Bastião.

O frentista foi solidário:

– Não tem problema, eu coloco vocês num caminhão que está parado aqui, o motorista foi pra Juazeiro de ônibus, procurar peça para consertar o motor. A chave está aqui, ó, podem pegar. Vocês entram, e acendem a luz da cabine e o rádio quando as meninas se aproximarem. Assim elas vêm que tem freguês no posto. Aqui é lugar pequeno, nem sempre pernoita motorista, quando tem cliente elas caem matando em cima. E olhe, lá vêm as duas primeiras. Corram pra dentro do caminhão, é o azul, placa de Colatina, Espírito Santo.

Segundos depois os dois irmãos já estavam dentro da cabine. Osmar, que tinha alguma noção de painel de automóvel, procurou ansioso pela luz da cabine e acabou encontrando o botão. Esqueceram de ligar o rádio, estavam tensos demais os dois.

Dois minutos depois, duas meninas muito novas se aproximaram. Bastião avaliou as idades. Uma aparentava uns 14 anos. A outra era *muito* mais nova: Ritinha?

Os dois homens ficaram estáticos, observando as meninas se aproximando do caminhão. A mais velha, mais experiente, escalou os degraus externos da porta do motorista e bateu no vidro fechado. Osmar abaixou-o a tempo de ouvir:

– *Tio, me queira, por favor! Estou com fome. Vamos nós dois? Eu faço bem gostoso, você vai ver.*

Osmar encarou a mocinha. Era de fato muito linda. O corpinho bem feito, bem fornida de carnes, peitos salientes e empinados. Era alta, delgada, elegante, uma carinha de indiazinha bonita, os cabelos negros bem compridos, os olhos esverdeados. Na hora Osmar esqueceu de seu propósito de encontrar a irmãzinha e passou a pensar com os bagos somente. Ficou cego de desejo:

– I donde é qui a gente vai? I quanto custa?

A mocinha saltou para o chão com um sorriso de felicidade e disse:

– Vem comigo, é aqui mesmo, tem os quartinhos lá dos fundos, atrás da borracharia. É ali que a gente se vira. O quarto custa dez reais, eu cobro só dez também. Se o moço não quiser o quarto, a gente faz aqui mesmo na cabine do caminhão. Mas aí uma tem que sair, juntas nós temos vergonha.

Osmar, já de membro duríssimo, pulou da cabine e se atracou com a garota, tratando de beijá-la e de passar as mãos por todo o corpo dela.

– Aqui não, seu moço. Vamos pro quarto, é logo ali atrás.

– Bastião, ocê espere por Rita, eu num posso agora!

Bastião ainda estava olhando admirado para Osmar que se afastava atracado com a indiazinha, quando ouviu as batidas no seu vidro. Abriu-o.

– *Moço, me queira, por favor. Por favor... Estou com fome...*

Bastião voltou-se para fora e viu aquele palminho de rosto angelical, sutil, delicado, com marcas evidentes de equimoses amarronzadas pelo tempo. Havia uma marca mais feia, como uma cicatriz, no pescoço. Uma criança assustada, uma criança com olhos súplices, uma criança perdida. Era Ritinha, não havia dúvida! Era loirinha e tinha os olhos muito claros. Sua irmã era uma galeguinha, quem diria!

Bastião terminou de abaixar o vidro e ficou mais um tempo a encarar a menina, que estacou sem saber o que fazer ou falar. Era evidente que não tinha experiência nenhuma de vida, que dirá de putaria...

– Ritinha? – perguntou ele, meio sem jeito.

– Sim. O senhor já soube de mim? Veio por minha causa também, como os outros?

–É, vim atrás di ocê. Qui bom qui le encontrei.

– Olhe, moço, eu também cobro só dez reais. E, como a minha colega já foi pro quarto com o seu amigo, a gente pode ficar aqui mesmo no caminhão e poupa o seu dinheiro.

Bastião resolveu esticar mais o assunto, queria saber até onde a menina iria:

– I ocê faiz o quê? – E viu a menina destravar a porta e entrar, sentando a seu lado no banco.

– Olhe, moço, não vou lhe mentir. Se o senhor veio atrás de mim, é porque já conhece a minha história. Então vai entender que eu não posso fazer tudo o que as outras fazem, não posso ainda, o senhor compreende?

– Num sei si intendi dereito. Num pode o quê?

– Moço, aquele maldito me machucou demais, é isso. Então eu ainda não posso...*dar*, entende? Tem que fazer só por fora e eu uso as mãos, pode ser?

– Ah, mai assim num tem graça – Bastião provocou – Cumo é qui ocê qué cobrá o mesmo qui sua amiga, qui faiz de um tudo cum certeza?

– Então o moço me dá menos. Mas, por favor, me queira assim mesmo. A gente tem passado muita fome, sabe? Tá muito difícil ter cliente no posto e eu não quero homem aqui da cidade, não.

– Ara! I por causa di quê?

O rostinho claro ficou mais vermelho:

– Ah, moço, eu tenho vergonha. É tudo gente conhecida da minha família, é muito pior para mim. E também tem esse problema meu, que eu estou muito machucada...*lá*. A médica do posto de saúde que me atendeu me avisou para não ter nada por muito tempo. Então está muito difícil começar nesta profissão, sabe? O pior é que os homens vêm aqui atrás de mim, vêm os da cidade, que estão sabendo do meu caso, acho isso um horror. Aí eu me escondo. Só quero ir com gente de fora, como o senhor. Mas aí, quando eu digo que não posso fazer, quase nenhum aceita. Querem de um tudo e eu não posso. E nem sei direito ainda...

–Pois fique sussegada qui eu vô le dá o dinheiro assim mesmo. Ocê disse qui tem passado fome, num disse?

– Muita, seu moço – os olhinhos se encheram de lágrimas pela primeira vez. Mas ela respirou fundo e conseguiu continuar:

– Se não fosse por essa minha colega que pode ganhar muito mais do que eu, acho que eu já tinha morrido. Me achou desmaiada na rua, me recolheu, tratou de mim, compra comida e remédio pra mim, é um anjo que Deus botou no caminho da minha desgraça. Me levou pra morar no quartinho que ela paga. E está me ensinando agora o que eu devo fazer com os homens. Ela entende de um tudo, está há quase três anos no ofício. Só que eu ainda não posso, é difícil.

– Pois toca a cumê, intão. Vamo lá no restaurante qui eu le pago o jantá.

– Não dá, moço – e os olhinhos encheram-se de lágrimas de novo – Ia ser tão bom, eu estou morrendo de fome. Mas eles não deixam a gente entrar lá e sentar para comer. A gente até pode comprar comida, mas tem que entrar pelos fundos, pela cozinha.

– Arre égua! Mai a troco di quê?

– Porque a gente é puta e a gerente nova é crente. Antes puta podia entrar, mas agora ela não deixa. Ela disse pro dono que era a gente ou ela. Ele preferiu a gerente, é claro. A casa é grande, é lanchonete e é restaurante também, e vêm muitos clientes da cidade. Aí eles não querem puta misturada com gente decente, é o disseram para nós ainda ontem, mais uma vez.

Bastião sentiu-se enfurecer de vez com aquela barbaridade. Mas já não bastava tudo o que aquela criança tinha sofrido, ainda tinham que fazer mais essa maldade com ela? Estendeu o braço pela frente da menina, abriu a porta do lado do passageiro e falou, enérgico:

– Pois desça já, qui nós vai cumê do bom i do milhó qui tivé nessa joça. Desça qui nós vai intrá junto i ocê vai sentá do meu lado. I ai di quem si atreva a querê bulí cum ocê – E empurrou com cuidado Ritinha para fora da cabine.

A menina desceu assustada, tinha pavor de discussão e de briga e estava traumatizadíssima com a surra que levava de João Boto. Ficou com medo de entrar e ser expulsa e humilhada mais uma vez. E mais medo sentiu quando pensou que, no dia seguinte, aquele moço forte não estaria mais ali para lhe dar qualquer garantia. Mas Bastião já havia descido e, tomando-a pelo braço, carregou-a com firmeza até a entrada do restaurante.

Ritinha entrou tremendo, com os olhos baixos. Mas a fome era tão grande que ela faria qualquer coisa para poder botar algo na boca. A gerente estava à porta e fez um sinal para o segurança, que falou com voz autoritária:

– Quenga não entra!

– I ocê tá vendo sua mãe querendo intrá, seu cabra safado? Podi di sê qui a quenga di sua mãe num entre, mais minha irmãzinha aqui pode intrá, sim. Eu só quero vê quem é macho di querê impidí.

O segurança olhou para gerente desconcertado. Esta, por sua vez, também estava atônita. Mas falou logo, com arrogância:

– Que sua irmã, que nada! Deixe disso, homem. Isso é uma vagabundinha que apareceu por aqui, para fazer a vida no posto, uma sem-vergonha. Aqui ela não entra, isto é uma casa de respeito, não é lugar para uma nojenta que nem essa...

Paaaaaff!

Bastião mandou um tremendo tapa na cara da mulher, que rodopiou no ar com os pés fora do chão e foi se estatelar no sofá de espera, meio tonta, a cara ardendo, apavorada com a reação do homem.

O segurança fez menção de puxar a arma, mas Bastião imobilizou seu braço com um aperto que mais parecia uma tenaz de aço. Mantendo o braço do homem seguro, enquanto este gemia de dor, falou:

– Num tente fazê isso di novo, sinão le tomo a arma i ocê é um cabra morto. Pensando bem, é milhó eu ficá cum ela por enquanto. Na saída le adivolvo. Vá qui ocê num mi iscuta i resorve fazê bobage. Na certa ocê é pai di família, num quero le disgraçá.

O homem, assustadíssimo, fez com a cabeça que sim. Adiantou-se a abrir o coldre da arma, que era meio complicado, e deixou que bastião pegasse o revólver. Guardando-o na cintura, o pistoleiro deu dois passos adiante e, com um safanão, levantou a gerente do sofá onde ainda estava arriada e a empurrou para o salão.

– I ocê, sua merda, vai servi a gente di garçonete, entendeu? Vai trazê i leva os prato di Ritinha. I vai si adiscurpá, vai pidí perdão i vai falá muito manso cum ela. Sinão termino di le arrevirá os corno i dexo essa sua cara mais feia do qui já é. Vô tê o maior gosto di le fazê um monte de cicatriz na cara cum a pexera, num sabe? Vamo mulé, si avie, si mexa, leva já a gente pra milhó mesa qui tivê nesta joça aqui – E foi empurrando a gerente casa adentro, aos trambolhões.

Os fregueses, entre assustados e divertidos com a cena, ao verem aquela mulher antipática e arrogante ser humilhada, ficaram sem ação. Já os funcionários adoraram a situação, sentiram a alma lavada, havia justiça neste mundo, Senhor!

– Venha, minha irmã, vamo senta i cumê – falou Bastião, levando a menina pela mão até à mesa indicada pela gerente apavorada.

Ritinha estava radiante. Ia comer enfim! E aquele moço forte, que não tinha medo de nada, ainda por cima mentia que ela era irmã dele, só pra afrontar a gerente antipática.

Sentaram-se. Bastião fez um sinal com o dedo para que a gerente ficasse em pé junto à mesa. Um solícito garçom, todo sorridente, trouxe o cardápio, mas foi logo avisando:

– Seu Bastião, aqui está o menu, mas para o senhor eu recomendo o melhor da casa: nossa buchada de bode esta de tinir, uma maravilha. E olhe que está prontinha, quentinha, não carece de esperar por nada. Se o senhor me autoriza, trago pra vocês num minutinho.

– Tá, eu le agradeço. E le pergunto: me conhece di donde?

– Pois se eu tirei retrato com o senhor e seu irmão Jeremias, eu todo orgulhoso apertando a mão de seu pai Dito Timbó, lá em frente ao hospital do Dr. Epaminondas.

– Ah, intão é isso. Me adiscurpe si não me alembro, foi tanta gente i tantos dia...

Quando ouviram o garçom falar aquilo, os fregueses das mesas mais próximas começaram a levantar de seus lugares e a cercar a mesa de Ritinha e Bastião. E começaram os vários comentários:

– É mesmo, gente. Olhem só, é um dos homens que justiçaaram João Boto.

– Sim, é ele mesmo. Um dos filhos de Dito Timbó. Um herói!

– Qui presepada que ocês aprontaro cum João Boto, vixe!

Aí foi a vez de atentarem em Ritinha:

– Então essa é a menina? Pobrezinha...

– Tão criancinha! Que desgraçado, ainda bem que cortaram os colhões dele.

– Oxe, mais num é? Tinha coisa mais merecida, mais bem feita?

– Pois tinha! Num levaro ele pra casá na delegacia com seis marido?

– Puxa, olhando essa criança de perto chega a doer na alma.

– E veja só: eu vi e ouvi essa nojenta aí destratando a coitadinha, chamando de puta e de tudo que é nome feio. Pois vou lhe dizer: enquanto essa coisa ruim for gerente desta casa, eu não boto mais meus pés aqui.

– Pois tem toda a razão, compadre. Aliás, acho que vou retirar o vale para nossos funcionários virem almoçar aqui, enquanto essa tipa emproada estiver empesteando este restaurante. Por causa dela é que esta coisa está entrando em decadência. Também, com um diabo desses dando as cartas!

Vinha entrando o dono do negócio. Alguém tinha corrido a chamá-lo, morava na casa em frente. O patrão ouviu tudo. Era um homem prático, não hesitou um segundo, não ia perder mais clientes por causa daquela coroa mal-amada, sempre em pé de guerra com cozinheiras, garçons, auxiliares, até com fregueses ela conseguia encenar. Estava na hora, sabia reconhecer seu erro, fizera a escolha errada. Aproximou-se da mesa que virara o epicentro das atenções, reconheceu Ritinha, reconheceu Bastião, celebridade instantânea junto com seu pai e irmãos, não se falava de outra coisa na cidade. Dirigiu-se à gerente com voz áspera:

– Dona Matilde, eu ouvi tudo o que os fregueses estavam falando. Vou lhe dizer uma coisa curta e grossa. Uma vez a senhora me falou assim: “ou elas ou eu”. Pois na hora eu fui um besta, fiquei com a senhora. Pois agora estou corrigindo o meu erro. Volto a ficar com as moças, como sempre foi antes nesta casa. Dona Matilde, vá catar suas coisas e ponha-se daqui pra fora, estou lhe despedindo por justa causa!

A gerente engoliu o choro, era orgulhosa demais para dar esse gosto àquela cambada de idiotas, patrão, funcionários, fregueses, uns imbecis de marca maior. Mas, enquanto juntava seus trastes, compreendeu o perigo que corria, agora que estava sabendo que aquele homem era filho do terrível Dito Timbó. Precisava limpar a barra com ele. Ao mesmo tempo caiu a outra ficha: ora, se a putinha era irmã daquele monstro... então ela também era filha do maior pistoleiro do Nordeste! E ela que tinha destratado a menina não lembrava quantas vezes! Céus, estava encalacrada, corria risco de vida, qualquer um daqueles bandidos desalmados podia acabar com ela em dois tempos!

Perdeu o resto da pose. Quando passou com suas coisas em direção à saída, caiu de joelhos em frente a Ritinha. Implorou perdão. Disse que aquilo não era coisa sua, era obra de um demônio que às vezes a “atentava”, que iria ao pastor pedir ajuda, caridade, exorcismo.

Ritinha nem respondeu, estava em estado de choque. Então era verdade que aquele rapaz que a defendera era mesmo seu irmão?! Ela tinha achado que ele falara aquilo só para assustar a gerente, na hora da entrada. Mas ele era filho de Dito Timbó. E Dito Timbó era o pai dela também, sua mãe sempre o dissera, desde que ela, pequeninha, exigia que ela lhe explicasse por que seu pai nunca quisera saber dela, porque a havia abandonado e à mãe àquela miséria em que viviam. Com o tempo transformou essa carência em consciência da rejeição e, depois, em ódio àquela homem cruel e desalmado.

Veio a buchada de bode, os dois irmãos comeram encabulados. A fome de Bastião era enorme, a de Ritinha maior ainda, era fome de ontem. Comeram em silêncio, Bastião como um selvagem, Ritinha, apesar de faminta, com extrema delicadeza. Encabulados também porque todo mundo ao redor ainda os observava, haviam formado uma roda, em pé, ao redor da mesa deles.

Mas Bastião, comendo com os talheres e com as mãos, logo ignorou aquele povo todo, ocupado com os enormes nacos que enfiava na boca. Ritinha, tão logo sentiu sossegar o buraco que tinha no estômago, foi ficando mais e mais encabulada. Aquele povo todo ali do lugar a olhar para ela, sabendo que agora ela era uma quenga, uma putinha qualquer, já não conseguia mais engolir nada, foi se encolhendo mais e mais na cadeira.

Iracema! Onde estaria Iracema? Como precisava agora de sua presença forte, de sua mão amiga. Se Iracema estivesse ali, então não se importaria que a olhassem como uma qualquer, não se importaria se a chamassem de quenga. Mas Iracema estava lá no quartinho da borracharia, tratando de satisfazer o outro homem. Tinha que dar duro, fazer de um tudo para poder receber aqueles míseros dez reais sem reclamação ou pedido de

desconto. *Ai, Iracema, pelo amor de Deus, termina logo, querida, vem me socorrer aqui!* Mas Iracema não aparecia.

Foi Bastião quem pôs fim ao incômodo silêncio, depois de se fartar de buchada:

– Ocê entendeu qui nós dois pode sê irmão?

– Sim, se seu pai é Dito Timbó, o matador.

– Pois num é otro sinão ele, le digo com muito orgulho. E o seu, quem é?

– Desde pequenininha minha mãe me disse sempre que meu pai é Dito Timbó.

– Desde piquininha, é? Ocê tem certeza?

– Tenho sim. Desde que eu consigo me lembrar das coisas, ela sempre me garantiu que meu pai era ele. Tanto era que, quando aconteceu essa desgraça comigo, ela mandou a tal carta foi para ele.

– Ara, pois intão há di sê mesmo. Ocê, Ritinha, é minha irmãzinha de verdade. Fico muito filiz!

– E o moço então é meu irmão e se chama Bastião...

– Pra le servi e le protegê, minha irmãzinha. Para le defendê sempre!

– Mas o moço.. Mas o meu..

– Seu irmão, Ritinha. Seu irmão Bastião.

– Mas o meu irmão Bastião sabe agora que eu sou uma quenga, não sabe?

– Num sei, não, porque num le acho quenga. Ocê é por demais criança pra isso. I sua disgracera aconteceu faiz menos de um meis, num deu tempo di si aprotitui.

– Mas você viu o que eu me dispus a fazer com você no caminhão, usando as mãos. Olhe, eu não sei mentir, tenho que lhe dizer que já estive com um homem antes, num caminhão. Só não se deu de um tudo porque eu não podia, não posso até hoje, como lhe expliquei. Então eu já sou quenga!

– Mai isso num mi importa, maninha! Pode di sê qui painho i mano Jeremias ache ruim. Pra mim i pra mano Osmar – aquele qui foi cum sua amiga – isso num tem importância. Nós dois acha qui ocê é só uma criança qui sofreu demais. Nós dois qué reconhecê ocê como nossa irmã i fazê di um tudo pra le ajudá, num sabe?

Novo choque para Ritinha! Então o moço com Iracema era seu irmão também: Osmar! E havia um terceiro, por nome Jeremias...

Nesse exato momento Gabi (o nome de guerra de Iracema) e Osmar entraram no restaurante e encontraram a mesa de Bastião. A moça falou quase gritando:

– Vixe, Ritinha, esses moços são seus irmãos! São filhos de Dito Timbó, seu pai!

– É verdade, moça – apressou-se a garantir Bastião, todo entusiasmado – Ela é mesmo nossa irmãzinha.

Osmar aproximou-se mais e postou-se em frente a Ritinha que, sem saber o que fazer, acabou levantando da cadeira e sustentou o olhar que a examinava de alto a baixo.

– Pois veja ocê, mano véio, si num é a cara di painho mesmo! A mesma quexada, tá vendo só? I os óio, intão? Ói só cumo é qui ela infrenta, tá si vendo qui tem a corage dos Timbó. Venha di lá um abraço, maninha!

E Osmar abraçou a menina com efusão e contentamento. Estava mesmo alegre por ter encontrado uma irmã criança.

– Seu... Seu Osmar... Eu não...

– Seu Osmar, maninha?! Mai qui cerimônia é essa? Si avexe não, mi trate di ocê, oras. Vamo lá, abrace di verdade seu mano véio aqui.

Desta vez, embora ainda constringida, Ritinha correspondeu ao abraço de Osmar. Diferente de Bastião, que era sério, calado, Osmar era alegre, falastrão, divertido. Estava com vinte e quatro anos de idade, quatro a menos que Bastião e doze a menos que Jeremias.

– Osmar... Você é meu irmão Osmar... Que estranho tudo isso. Faz pouco dias que eu perdi minha família, minha mãe, uma irmã, dois irmãos. Vim parar na rua. Pois foi aí que encontrei minha irmã do coração, Gabi. E agora encontro mais dois irmãos meus. Parece que o destino resolveu brincar de me tirar e me dar irmãs e irmãos.

– Você merece que tudo de bom lhe aconteça, meu amor – sussurrou Gabi, macia, amorosa, pegando na sua a mão de Ritinha – Já sofreu demais para alguém de sua idade.

– A moça tem razão, nós também pensa assim – completou Bastião – Por isso é qui nós qué le leva deste lugar, pra mode ocê cunhecê painho i mano Jeremias.

Todos perceberam na hora que Ritinha empalideceu e teve uma expressão de pavor. Conhecer Dito Timbó?! Não, aquilo era a última coisa que ela podia querer! Iracema percebeu o que se passava e correu a enlaçar sua menina pelos ombros. Delicadamente, mas com firmeza, fez Ritinha sentar de novo. E sentou na cadeira ao lado. Ritinha tremia.

Os irmãos Timbó pegaram outras duas cadeiras e juntaram-se a elas na mesa. Osmar falou então, já abrindo sua sonora gargalhada:

– Ó xente, intão ocês tava si acabano na buchada di bode i nós dois aqui, minina Gabi i eu, na maior fome. Tá certo isso? Ara, intão vamo dexá minina Gabi sem sê servida? Qui farta di educação!

O mesmo garçom simpático e solícito fez um sinal para a cozinha e, um minuto depois, chegava com um reforço de buchada, pratos e talheres. Gabi, que passava fome há dois dias, atacou a comida com sofreguidão, feliz

da vida por que ia comer sem precisar gastar seus dez reais. Osmar se jogou à buchada com a mesma grossura de Bastião há pouco, Este não se fez de rogado e encheu o prato fundo mais uma vez. Só Ritinha, satisfeita com o que havia beliscado e sob o impacto de tantas emoções, permaneceu apenas olhando. Tensa. Não, ela não queria ver Dito Timbó. Nunca na vida!

– Maninha num cômí? Num apreceia uma buchada?

– Adoro, Osmar. Mas já comi o bastante, obrigada.

– Maninha é educada qui dá gosto di vê, mano Osmar. É uma princesa.

– I é uma belezura, mano Bastião. Vamo tê muito trabalho pra modi protegê ela quando ficá mais mocinha.

– Me proteger, mano Osmar? Mas então você não vê que eu sou, quer dizer, que eu já sou uma... uma... uma *quenga*?

– Mai isso ocê num é, não! Nós dois acha qui não. I o qui importa é o qui nós acha, mano Osmar i eu!

E exaltando-se, falando alto, encarando todos os que estavam ao redor no restaurante, Bastião levantou da cadeira e disse:

– Tem arguém aqui qui ache qui nossa irmã é quenga? Pois si tivé, home ou mulé, qui se aproxegue i diga na minha cara.

Bastou para que Osmar se erguesse de um salto, derrubando a cadeira e assustando meio mundo:

– I na minha também! – Então lembrou-se de Gabi, que a tudo assistia incrédula, de olhos arregalados – Vô perguntá melhormente: Tem arguém aqui qui tá vendo *arguma* quenga cum nós?

O não foi geral, todo mundo tratou de sacudir a cabeça com veemência:

– Não senhor, só duas moças de família. Quenga não tem, não.

– Quenga? Mai num si vê nenhuma, valha-me Deus Nosso Senhor.

– Bom! – sentenciou Bastião – Assim nós num pricisa castigá ninguém. Mai avisa o povo todo desta cidade: Si arguém mangá cum nossa irmãzinha o cum a amiga dela aqui, nós aprica na hora o corretivo.

– Os homi a gente capa e lava pra sê noivinha também – comentou Osmar divertido, fazendo os homens presentes sentirem uma crispação nos bagos, o terror estampado no olhos.

– I as mulé e gente corta a língua, qui é pra modi num falá mais mal da vida dos otro. Castigo porreta, porque mulé sem falá num veve – E Bastião caiu na gargalhada, vendo algumas mulheres levarem a mão à boca.

Gabi/Iracema comentou em voz baixa:

– Vocês são loucos? Como é que essa gente não vai ver uma quenga aqui? E eu sou o quê? A madre superiora, Osmar?

– Eles é qui são loco si acha qui pode disfeitá os Timbó! (*pág. 122*)



SALUSTIANO DE SOUZA

O ETERNO BARNES é um livro de ficção científica. O Doutor



O Eterno Barnes

Viver para sempre pode custar caro

Barnes, um famoso neurocirurgião, encontra uma forma de implantar os impulsos elétricos de um cérebro em outro, realizando a transferência com auxílio de uma matriz de microeletrodos e um computador.

Ao contrário do que deveria ocorrer, Barnes esconde cada vez mais suas pesquisas e seu objetivo passa a ser implantar o conteúdo de impulsos de seu próprio cérebro no cérebro de outro paciente, pois sabe que está com um grave tumor. Busca, desta forma, alcançar a tão almejada eternidade. Para isso, não mede as consequências dos seus atos, deixando de lado a ética e tirando qualquer pessoa do seu caminho. Mesmo que seja preciso matar.

O ETERNO BARNES – Salustiano de Souza – Novo Século, 2013
ISBN 978-85-7679-875-0

SALUSTIANO LUIZ DE SOUZA nasceu em Itajaí, SC, vindo radicar-se, desde criança, na cidade de Joinville, onde reside até hoje.

Leitor assíduo desde tenra idade, possui formação acadêmica em Economia e Direito, com especialização nas áreas de Economia Industrial, Direito Empresarial e Direito Previdenciário.

Exerce a profissão de advogado, tendo sido o fundador e hoje sócio do escritório de advocacia Souza Postai Advogados Associados, de Joinville.

Com atuação profissional em diversas empresas, foi também professor universitário durante vários anos, lecionando nas áreas de Economia, Administração e Direito.

Publicou diversos artigos e contos em periódicos e jornais. É autor dos romances “O ETERNO BARNES” e “AS SETE LUAS”.

É diretor financeiro da Academia Joinvilense de Letras

Um Novo Frankenstein?

(do romance O ETERNO BARNES)

– Começa por aqui – falou Barnes, como se estivesse falando para si mesmo.

Barnes resolvera implantar a matriz de eletrodos em Alexandre alguns dias antes de fazerem a cirurgia definitiva, a transferência dos arquivos cerebrais de um para o outro.

– Com isto teremos mais controle sobre o procedimento – falava muito baixinho, como se estivesse murmurando.

Estava por demais absorto em seu trabalho e Lourdes apenas o observava, enquanto ele lhe mostrava como conectar a matriz dos minúsculos eletrodos na pequena cavidade cerebral. Alexandre jazia inconsciente na mesa cirúrgica, com uma pequena perfuração na parte traseira da cabeça, agora totalmente raspada, justamente na parte de trás do cérebro, um pouco acima da nuca. Barnes estava conectando os eletrodos por ali, mostrando para Lourdes como deveria ser o procedimento, pois os fios que seriam ligados nessa matriz também precisariam ser conectados na sua própria cabeça alguns dias depois, antes passando pelo notebook para ser feita a depuração de ruídos desnecessários.

– Assim que terminarmos esta eletrocorticografia, precisamos fazer o teste de Wada – falou Barnes, enquanto manuseava com extrema perícia a pinça que inseria a matriz de eletrodos na rede neural de Alexandre, sobre a região subdural.

A tela de vídeo mostrava a precisão com que estes minúsculos eletrodos eram conectados, enquanto o aparelho desenhava linhas verdes que subiam e desciam, registrando os altos e baixos da atividade cerebral, como se a vida dependesse e se debatesse assim, para cima e para baixo, num movimento pendular infinito.

O teste de Wada a que Barnes se referia nada mais era do que injetar amital sódico, um anestésico rápido, nas veias carótidas do paciente para relaxar suas funções cerebrais, principalmente as funções de memória e linguagem, que se situam nos dois hemisférios cerebrais. Muito usado nos tratamentos de epilepsia, serve para manter a atividade cerebral relaxada e conseguir mapear com mais precisão as áreas de memória e linguagem.

– É a forma que encontrei para deixar os impulsos elétricos do cérebro mais “soltos”, ficando mais fácil de serem copiados – explicava Barnes pacientemente.

Como Alexandre não estava em coma profundo, sua atividade cerebral era oscilante, motivo pelo qual Barnes inferiu que precisava manter

estável a frequência desta atividade, de modo que os arquivos de seu próprio cérebro pudessem se transferidos e substituíssem os correspondentes na rede neural de Alexandre. Isso precisava ocorrer dentro de um mesmo padrão de frequência.

Lourdes continuava absorta e estranhamente triste. Sentia-se preparando um funeral e mal sabia distinguir se era o seu próprio ou do seu companheiro. Nunca tivera essa experiência de preparar um morto e isso a enchia de uma indizível angústia. Sempre convivera com a morte, é bem verdade, e não foram raras as vezes em que o paciente sucumbira em suas mãos. Mas, sempre que isso ocorria, chorava após a cirurgia, sentindo-se impotente e minúscula perante o vasto poderio da morte.

Porém, após seu choro, um estranho reconforto inundava o seu coração e sentia que isso fazia parte da vida, que morrer era nada mais que nascer de novo, como estava prescrito em todas as crenças.

Mas agora era diferente. Estava contribuindo para matar um pobre coitado, arvorando-se no direito de tirar uma parte da vida dele e trocar pela vida de outra pessoa. Na realidade, estava assassinando aquele paciente.

Chamaram-lhe a atenção os reduzidos eletrodos, que mal se distinguiam dentre os muitos que compunham a matriz. Na realidade, cada um deles nada mais era do que um minúsculo fio de aço rígido, todo revestido de plástico especial; apenas a ponta ficava exposta e era ela que fazia a conexão entre o cérebro e o computador, ligada por meio dos fios.

A matriz que Barnes criara era um aglutinado desses microeletrodos e cada ponta deles, que funcionava como um sensor, era enfiada no tecido cerebral, de sorte que cada uma criava uma trilha pelo tecido extracelular, permitindo que se registrasse a atividade elétrica dos neurônios que se situavam próximos dessa ponta exposta.

Cada eletrodo estava fixado na matriz e esta era inserida no cérebro como se fosse uma minúscula tampa no buraco aberto no osso craniano, deixando aparentes apenas os minúsculos fios de fibra ótica que faziam a ligação do cérebro com o exterior.

Estavam ambos compenetrados, a penumbra da noite lá fora parecia ter entrado naquela sala cirúrgica e espalhado um soturno ar de terror. A noite estava pesada, carregada, uma tempestade se aproximava. Alguns relâmpagos cintilavam seus raios ao longe e Barnes não pôde deixar de comparar-se ao desventurado Frankenstein, médico criador do monstro que lhe atormentou a vida.

Não estaria ele também criando seu próprio monstro, para depois fugir atormentado pela culpa e pelo medo? *Meu Deus, o que estou fazendo?* – pensava com seus botões, enquanto inseria a pequena matriz recheada de microeletrodos na minúscula cavidade exposta da cabeça de Alexandre.

Tentou desviar seus pensamentos, pois não podia se dar ao luxo de ter crise de consciência. Não agora. Seu projeto estava prestes a ser finalizado e não era agora que iria fraquejar.

Ajustou um pouco a luz que jorrava do foco cirúrgico para melhor enxergar a cavidade na qual trabalhava, colocando a minúscula matriz com muito cuidado, encaixando-a perfeitamente no orifício. Com isso, a matriz introduzida no cérebro conseguia colher a atividade de milhares de neurônios ao mesmo tempo, registrando todas as nuances dos potenciais de ação sinápticos. A conexão por meio da fibra ótica permitia que a coleta das informações se processasse em microssegundos, possibilitando assim a armazenagem em um meio físico externo, para daí se fazer a remessa, com retardo também de microssegundos, para o cérebro alvo.

Barnes agora estava conectando um fio à dura-máter, a membrana mais externa das meninges; ele funcionaria como um fio terra, para que pudesse ter um ponto de referência para os sinais neurais capturados pelo microeletrodo.

– Podes ajustar o amplificador? – perguntou Barnes.

Como os impulsos elétricos gerados pelo cérebro são muito pequenos, esses sinais, para serem trabalhados, precisam ser amplificados consideravelmente. E, ao serem amplificados, propiciam o som de acordes cerebrais, uma linda sinfonia. Talvez fosse em razão disso que tanto Barnes quanto James se apaixonaram pelos arquivos extraídos do cérebro, por isso ficaram tão maravilhados, porque aquela música era uma criação divina.

Lourdes ajustou o amplificador e, quando a sinfonia dos neurônios de Alexandre inundou a sala, quando sua atividade cerebral se transformou em melodia, passou do estado de absorta para o de embevecida. Era estranho o poder que aquela música exercia sobre as pessoas.

Ficou parada ao som da música, a contemplar aquele ser pelo qual se apaixonara tão intensamente. Já não tinha mais noção do que aquilo tudo representava, diferentemente dos primeiros dias após Barnes ter lhe contado, quando ficou estarecida. Agora aquilo já não mais importava, parecia anestesiada e só tinha vontade de ficar fitando Barnes. E quanto mais tempo pudesse ficar com ele, mais se sentia leve, pois daqui a alguns dias ele partiria.

Barnes observava o aparelho de anestesia, que monitorava as funções vitais de Alexandre. Embora não estivessem administrando fluxo de gases, pois se tratava de uma intervenção localizada e de pequena amplitude, tivera o cuidado de seguir o procedimento cirúrgico à risca, para uma rápida intervenção, caso fosse preciso. Mas Alexandre estava em coma e suas funções vitais, estáveis, respondendo satisfatoriamente aos estímulos.

Ao seu lado, Lourdes analisava a forma como Barnes trabalhava, o profissionalismo e o cuidado que tinha com o paciente, e era justamente isso

que tanto a atraía. Já não sabia mais dizer se o que ele estava fazendo era correto ou não, se tudo aquilo que estavam fazendo nos últimos dias infringia a ética ou não. Nada mais importava agora, não sabia explicar, mas sua vontade era de apenas ficar contemplando seu homem, como se contemplasse a vida, como uma pessoa que, numa tarde ensolarada de primavera, senta-se à beira do lago e queda-se silenciosamente a contemplar a beleza da paisagem.

Esses pensamentos bucólicos assomavam constantemente à sua cabeça nos últimos dias, os médicos diriam que era depressão, enquanto os poetas diriam que eram lágrimas de seu coração, constrito pelo prenúncio da separação do amado. A voz de Barnes tirou-lhe a placidez dos pensamentos:

– Estamos colocando a matriz no córtex entorrinal porque os estudos indicam que a memória se situa aqui.

Compenetrado na sua atividade, ele não falava especificamente para Lourdes, falava para uma plateia imaginária, pois quem já foi professor nunca perderá o hábito de ensinar.

Barnes sabia que o córtex entorrinal era a área chave do cérebro, a parte responsável pelo armazenamento das informações. Estava situado logo acima do hipocampo e funcionava como uma porta de acesso à unidade central de memória.

– É lá que vamos buscar nossas informações – dizia em voz baixa.

Era lá que ele vasculhava à procura de tudo aquilo que o ser humano representa, aquilo que o mantém com vida, seus sonhos, seus devaneios, suas aspirações, suas emoções, seus amores e seus ódios, tudo ficava lá armazenado.

Será que conseguiria apagar todas essas reminiscências da cabeça de Alexandre para implantar as suas? Será que todas as suas emoções, todos os seus sonhos vividos, todos os segredos escondidos, aquilo que ele jamais teria coragem de contar a alguém, será que tudo isso poderia ser tirado do seu cérebro e repassado para Alexandre, substituindo todos os arquivos dele?

A craniotomia que estavam fazendo em Alexandre estava quase terminando, alguns dias depois ele já poderia receber os dados do cérebro de Barnes. Sua cabeça alva agora tinha apenas uma pequena marca na parte de trás, com minúsculas pontas aparecendo. Ali seriam conectados os fios que mudariam completamente a vida dele. Aquelas minúsculas pontas seriam as portas de entrada do cérebro de Alexandre, seriam o elo entre duas pessoas, uma conexão com o divino, fator que fundiria o criador com a criatura.

Logo Alexandre estaria recuperado da cirurgia e teria todos os eletrodos aptos a emitir e receber sinais sinápticos, o que permitiria a Barnes conseguir seu intento de imiscuir-se naquele corpo, apossar-se daquele ser e tornar-se o outro, o que lhe daria a oportunidade tão sonhada de eternizar-se, de existir por intermédio de outro ser.

Logo seremos apenas cérebros depositados em vasos de vidro cheios de solução salina, como azeitonas em conserva, à espera de um corpo que nos torne móveis, que permita que sejamos eternos. O velho e louco sonho de ser eterno, de jamais morrer, perseguido pela humanidade desde que conseguiu ter consciência de sua existência.

Lembrou-se de Fausto e seu pacto com o demônio para tornar-se eterno, pacto assinado com o próprio sangue. Olhou para as luvas de borracha que revestiam suas mãos antes alvas, agora com manchas de sangue, vislumbrando se este sangue não estaria servindo para assinar seu pacto também.

O que o esperaria depois? Será que o satânico Mefistófeles não viria cobrar a dívida que agora assinava com aquele sangue, tomando sua vida e atirando-o na danação eterna?

Quem sabe ele não estaria inaugurando uma nova era para a humanidade. Quem sabe não seria ele o precursor na lenta jornada do ser humano rumo ao eterno. Talvez no futuro viesse a ser venerado como o primeiro homem a não morrer, a ser eterno.

Talvez no futuro fosse adorado como um deus. Talvez.

Descartou as luvas e foi até a janela, onde agora o vento assobiava. Olhou a noite escura e recortada de relâmpagos, uma imagem tenebrosa e bem propícia ao clima do que estavam fazendo. Ao fundo, os prédios da cidade erguiam seus contornos nas sombras da noite escura. Algumas luzes acesas, outras apagadas, mas todas repletas de vida, de sonhos, de paixões, todas trilhando a lenta e inexorável linha da vida, linha do tempo, pois a vida e o tempo se fundem em uma única coisa.

Todos nasceram um dia e todos estavam caminhando em direção à morte. Só ele, Barnes, é que estava tentando mudar esse paradigma, não aceitava a morte, lutava contra esse estigma, queria ser eterno.

Será que estava certo? Será que não deveria abandonar esse projeto agora, enquanto ainda dava tempo? Será que não deveria resignar-se com sua sorte, como todos os demais mortais e aceitar que a eternidade não é algo possível ao ser humano?

Os braços de Lourdes o envolveram, encostando seu corpo no dele por trás. Não via seus olhos, apenas sentia seu respirar ofegante. Sentia a súplica em seus olhos, sabia o quanto ele era desejado naquele momento, não um desejo mundano, desejo de carne, mas aquele desejo eterno, aquela melancolia que aos poucos nos invade a alma, sentimento indefinível, mistura de amor e tristeza.

Deixaram-se ficar assim contemplativos, fundidos em uma só alma, como se estivessem se despedindo um do outro, se despedindo da vida do outro e essa despedida era dolorida.

Um raio rasgou a noite, inundando tudo ao redor com aquela luz tenebrosa. O estrondo do trovão sacudiu seus corpos.

Será que não estaria na hora de erguer Alexandre para o telhado, igual Frankenstein, para receber a energia necessária à nova vida que se avizinhava?

A vida é um jogo de xadrez

– James não vem para cá? – perguntou Bruno, acendendo o cigarro.

– Não, vai chegar tarde hoje, foi numa festa da família dele – respondeu Tatiana, levantando-se para ir para o chuveiro.

– Festa?

– É. Parece que a mãe está fazendo aniversário e resolveram juntar a família.

– Então a gente podia sair para jantar.

Falou num volume de voz que tentava ser mais alto que o barulho do chuveiro. Estava tomando mais um uísque, o uísque que dera para Tatiana guardar ali “para quando eu vier”.

Bruno gostava das boas coisas da vida. Médico precoce, conseguira se destacar na área da cardiologia, tendo sua tese de mestrado ganhado mundo ao dissertar sobre as causas que originavam o prolapso mitral. Exímio cirurgião, formado há pouco mais de dez anos, fora alçado à condição de chefe do Departamento Médico da universidade há cerca de um ano.

Isso dentre todo o corpo clínico do Hospital Universitário, que não era pequeno. Apesar da pouca idade para a responsabilidade do cargo, era respeitado por seus pares. Tinha um único vício: mulheres. E Tatiana sabia explorar esse vício como ninguém.

– Ele deve estar contente com a promoção, hein? – Bruno fitava os penemos círculos de fumaça que espiralavam de seu cigarro.

– Nem fale – Tatiana se enxugava – Agora ele só existe para o Departamento.

Era verdade. James fora promovido ao cargo de chefe adjunto do Departamento de Exatas e andava extremamente empolgado. Era muito jovem, mas muito responsável com suas novas atribuições.

– Contente com o cargo e com os arquivos de um tal Doutor Barnes, não sei se você conhece.

Opa, aí tem coisa que eu não sei! – pensou Bruno. E, quando havia algo que ele não sabia, sua curiosidade se excitava. Assim como Tatiana, tinha um senso de oportunidade aguçado, vislumbrava as chances em pequenas

coisas, pequenos detalhes, que, por coincidência, lhe renderam inúmeros frutos, inclusive a chefia do Departamento. Mas não podia deixar Tatiana perceber que não sabia nada.

– É das pesquisas de Barnes, ele me falou alguma coisa – mentiu, apagando o cigarro – Mas o que James tem a ver com isso?

– Não sei, mas só fala deles.

Tatiana deu uma pausa. *Business. Business. Na vida tudo são negócios.* E Bruno era um ótimo negócio, sempre rendia algo. Não sabia explicar, mas sentia atração por ele, gostava dele, percebia nele os traços dela mesma, aquela rapidez de raciocínio, aquele tino para negócios, aquele jogo de interesses que se projetava em tudo que fazia.

Com ele sentia estar sempre jogando xadrez, sempre teria que analisar com cuidado qual pedra mover. E ela gostava de ganhar sempre, de vencer, de ser recompensada por suas jogadas.

Não diria que não gostava de James. Gostava, sim e pensava até em assumir algo mais sério com ele. Aliás, parece que tudo ia se encaminhando para isso. Mas James era ingênuo, não via maldade nas coisas, não tinha nenhuma malandragem. Na realidade, Tatiana respeitava mesmo era Bruno. Era um cara bem articulado, de uma malandragem refinada, não tinha escrúpulos, mas vendia uma imagem de seriedade e bom-mocismo.

Não deixa de ser um bom partido também, pensou meio sorrindo.

– Ele diz que são arquivos diferentes. Se você quiser, eu posso conseguir uma cópia – Tatiana se aproximou, olhou Bruno nos olhos, riu e jogou a isca. James lhe pedira para guardar os arquivos. Estavam ali com ela, mas Bruno não sabia. Ela fizera sua jogada, movera sua pedra. Agora era a vez de ele jogar e ela sentia que ele estava pensando. A resposta poderia encerrar o jogo definitivamente ou poderia derivar para novos lances.

– Não sei se vale a pena – Bruno pescava para saber o que ela sabia – Se fossem importantes, o Barnes não deixaria eles soltos por aí.

Deu aquela risadinha característica de quem havia feito uma boa jogada, dera um ótimo lance, colocara o adversário na defensiva.

– Devem ser interessantes, porque o James está morrendo de medo do Barnes! – Tatiana sabia dourar a pílula, percebendo o quanto esta informação se refletira nos olhos de Bruno, como aguçara a sua curiosidade. Ele tentou disfarçar, mas Tatiana sabia colher a informação que queria daqueles olhos. *A vingança vai começar,* pensou.

– OK, me conte a história – Ia emendar “sua cadela”, mas se conteve. Sabia que ficariam nesse joguinho por muito tempo e hoje não estava com muita vontade de jogar. *Vamos ver o que essa piranha quer,* pensou.

– O que eu ganho com isso? – Tatiana já havia perdido a vergonha com Bruno, já não se intimidava em se desnudar para ele, tanto de corpo como

de alma. Eram iguais e cada um sabia como era o comportamento rival, buscando sempre sair ganhando, mas não deixando de se respeitarem como oponentes.

– O que você está querendo? – Bruno sabia que ela não queria só dinheiro. Tatiana era esperta, sabia negociar, sabia deixar as portas abertas.

“Numa negociação você nunca pode fechar portas”, ela aprendera com o professor Áureo. Sempre tem que deixar alternativas para o outro. Sempre tem que deixar uma rota de fuga para o oponente. A todo momento as oportunidades passam ao nosso lado e oportunista é quem as enxerga.

“O cavalo sempre passa encilhado”, dizia sua avó, de quem herdara os olhos bonitos; isso antes de ela ir para o hospital, coitada, porque agora seus olhos apenas fitavam o vazio e sua boca só proferia sons ininteligíveis.

– Você não está precisando de uma secretária? – Tatiana queria subir de cargo e agora aparecia a oportunidade de ouro. *Business*, pensava, enquanto se pendurava no pescoço de Bruno, que agora se levantara. Ele era bonito, charmoso, já tinha passado aquela fase de garotão e tinha “um jeito malandro de ser”. Tinha pegada e ele adorava isso.

Mas essa ideia de secretária era tudo o que Bruno não queria. *Tatiana é muito rápida, uma piranha muito voraz*, pensava. Seria uma calamidade tê-la por perto. Imagine, seria muito perigoso, além de fazer o relacionamento deles, clandestino até agora, perder a graça rapidamente.

Além disso, tinha as outras *meninas*. Secretárias, principalmente. Até porque Bruno não era muito seletivo e muitas garotas ansiavam por uma nota melhor na prova, um pequeno afago financeiro, uma lembrancinha reluzente para pendurar no pescoço – ou até mesmo um cargo, uma promoção. Bruno era influente e elas sabiam disso, estava aí a razão de o ficarem rodeando feito moscas. Ele era zeloso em seu trabalho, extremamente diligente, mas sabia como ninguém tirar partido das situações.

Mas não poderia dizer não. Bem que ela merecia um sonoro não, mas ele não ia dizer, pelo menos assim de cara. Ambos estavam jogando e ambos conheciam as regras do jogo.

– Talvez no Direito, parece que tem uma vaga.

É uma possibilidade, pensou Tatiana. E, se houvesse, Bruno conseguiria. Se ele prometia, ia no mínimo verificar. Eram safados os dois, mas de uma safadeza honesta. Toda coletividade possui seus códigos de ética, de conduta, inclusive os bandidos. Era o tal *Contrato Social, do escritor Jean Jacques Rousseau*, lembrou Tatiana, rememorando suas aulas de sociologia, com aquela vaca de professora que lhe dava nota baixa, diferente dos professores homens, que sempre tinham uma razão para melhorar suas notas.

Contou o que sabia, o que vira e o que James lhe contara. Falou das supostas cópias de cérebros de pacientes. Falou que Barnes havia discutido

com James, do contrato que fizeram, que James estava com medo de Barnes. E, lógico, omitiu que tinha uma cópia dos arquivos. Aquilo era moeda de troca e antes do pagamento não se entrega toda a mercadoria.

– Mas ele ficou de me trazer a cópia, ele acha que aqui comigo é mais seguro.

Então é isso, pensou Bruno. Por essa razão Barnes andava sumido. Até Lourdes havia comentado que ele andava estranho. Pudera, com uma pesquisa dessas! Imagine a repercussão disso, os prêmios, as distinções.

E os convites para outros projetos? E as verbas que a universidade conseguiria. Isso era coisa para virar um futuro reitor. E ele estava sendo deixado de lado. As coisas aconteciam debaixo de suas barbas e ele sem saber de nada? Assinava os empenhos de pagamento para as pesquisas, conseguia a grana e ia ficar chupando o dedo?

Falaria com Barnes. Teria uma boa conversa com ele. Não, por enquanto não. Isso requeria maiores investigações. Primeiro precisava ter mais elementos para conversar. No tabuleiro de xadrez, tinha agora um novo oponente, que se chamava Barnes.

Mas o jogo estava apenas começando e Bruno não sabia ainda como o adversário jogava. Precisava primeiro mover as pedras menores para ver o que ele faria.

O que ele realmente pretendia? Por que não divulgava as pesquisas? O que ele conseguiu até agora?

Geralmente as pesquisas são compartilhadas entre os pares, para que os avanços individuais sejam somados. “A inteligência de um grupo é geralmente maior que a soma das capacidades de vários indivíduos”, descobrira o pesquisador americano Thomas Malone, do MIT, o famoso Instituto de Tecnologia de Massachussetts. Bruno gostava de aplicar esses conceitos de gestão em seu Departamento. Os resultados dessa cooperação estavam aparecendo e ele passara a ser louvado por tais sucessos. Fama e poder era o que buscava e não era um de seus subordinados que iria ficar escondendo o jogo, deixando-o fora do tabuleiro.

Barnes era demasiado inteligente para agir dessa forma sem alguma razão plausível. Bruno precisava descobrir o que havia por trás disso. Estava perdendo terreno, estavam agindo sem ele saber. Nesse grande jogo da vida, nessa imensa competição pela sobrevivência, não gostava de ficar só assistindo, não nascera para ser mero espectador. Precisava se apossar de um naco desse banquete e, ao que tudo indicava, o banquete ia ser muito farto.

Percebia que Tatiana tinha os arquivos. Era óbvio demais. Ela não saberia tudo aquilo sem que James não lhe tivesse repassado os arquivos.

– Muito bem, cadê os arquivos?

– Não estão comigo, já disse.

– Estão, sim. Queres uma vaga melhor na universidade?

Tatiana não tinha muita alternativa... Jogava bem, mas Bruno jogava melhor. Iria ganhar o jogo. Por isso Tatiana o admirava tanto e não conseguia resistir.

– Não estão comigo – Tentou resistir, mas já era tarde.

– Se James está com tanto medo de Barnes é porque já te passou os arquivos – falou Bruno, enquanto lhe estendia a mão, pedindo o dispositivo.

Tatiana foi buscá-lo, já não tinha mais saída e uma vaga melhor era uma grande tentação.

Deu um beijo em sua boca e sussurrou:

– Abre a mão.

E depositou na mão dele o *pen drive*.

Foi muito fácil, pensou Bruno.

– Você jura que não conta pra ninguém? – meio fingindo agora um constrangimento que já não sentia.

– Fica tranquila, você me conhece – falou Bruno, com ar de satisfação ao colocar no bolso o pequeno dispositivo.

Despediram-se, um Bruno absorto em seus pensamentos, tentando decifrar antecipadamente o que poderia ter dentro daquele pequeno aparelho e uma Tatiana arrependida de ter entregado um tesouro sem muita resistência e com uma incerta recompensa.

E, pior, nem tinha feito uma cópia. Como fora tola, pensava.

(Pág. 112)

1ª SESSÃO ORDINÁRIA DE 2017

Dia 9 de FEVEREIRO, às 19h30 hs, na sede da ACADEMIA, à Sociedade Harmonia Lyra, Salão Nobre (Sala Mozart)

PROGRAMA:

I - Ordem do dia

II – Apresentação e entrega do Suplemento Literário

HEKADEMEIA 3: Nossos Romancistas, de janeiro/2017

III - Lançamento e entrega do Suplemento Literário

HEKADEMEIA 4: Nossos Historiadores, fevereiro/2017

IV – Apresentação e discussão do projeto do livro **ENSAIO 2**

V – Apresentação, discussão e lançamento dos Concursos Literários da Academia para Ensino Fundamental e Médio

VI – Café Acadêmico

APOIO CULTURAL



Jornal dos Bairros de Joinville

Jornal do IRIRIÚ – Jornal de PIRABEIRABA

Ari Silveira de Souza

Jornalista Editor – DRT 0037/SC

www.jornalbairros.com.br

Rua Erico Herhaus, 135 – Iririú

CEP 89227-490

imprensa@jornalbairros.com.br Fone 3025-4832